

FUTEBOL, UMA HISTÓRIA NÃO SÓ DE GOLS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

DISCIPLINA: PROJETO EXPERIMENTAL

CATEGORIA : GRANDE REPORTAGEM

AUTORES : MAURO ANTÔNIO PANDOLFI  
PAULO SCARDUELLI

ORIENTADOR: Prof. FRANCISCO KARAM

## AGRADECIMENTOS

À Cláudia, à Kátia, ao Luiz, ao Maneca,  
ao Sandro, ao Senhor Nelson (meu pai), à Dona Lídia  
(minha mãe), ao Márcio e Mário (meus irmãos), à Dona  
Ligia (que datilografou), ao Prof. Francisco Karam,  
ao Prof. Paulo Brito.

E a todos os peladeiros que mantêm vivo  
o futebol romântico.

ÍNDICE :

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO UM  
DAS POLAINAS ÀS SANDÁLIAS

CAPÍTULO DOIS  
DE TERNO OU DE FARDA A POLÍTICA ENTRA EM CAMPO

CAPÍTULO TRÊS  
NEGRO NÃO ENTRA! MAS, FOI REI

CAPÍTULO QUATRO  
UM TIME CHAMADO DEMOCRACIA

BOX UM  
OS REBELDES

BOX DOIS  
SERIA MANÉ UM BAILARINO ?

BOX TRÊS  
O FIM DO CLUBE DO BOLINHA

BOX QUATRO  
NÃO VALE BOTINADA, PÔ !

BOX CINCO  
ESQUADRÃO, MARCHE !

BOX SEIS  
O BOLEIRO, A LATINHA, A CANETA E A TELA

BIBLIOGRAFIA

## INTRODUÇÃO

Os campos de futebol fazem parte da paisagem urbana e rural do Brasil. No gramado de um jardim público, no canto de um terreno baldio ou no meio da rua, com dois pedaços de paus ou duas latas velhas, e uma bola de meia, surge o campo. Onde crianças e até adultos jogam partidas que parecem não querer terminar.

O Brasil é tido como o país do futebol. No entanto, o futebol é marginalizado por parcelas da sociedade. É considerado uma atividade alienante e vulgar. Frequentemente, é citado como fonte de manipulação, de ter sido utilizado como transmissor da ideologia autoritária. Mas, apesar de tudo, no Brasil se discute futebol com uma energia singular. "O futebol e a seleção brasileira são as únicas coisas que unem o povo brasileiro de norte a sul", escreveu o diretor teatral Celso Nunes, no ponto de vista da revista Veja (nº 773, de 29 de junho de 1983).

O próprio futebol entrou na sociedade brasileira de um modo igualmente especial, tornando-se em menos de 50 anos, um autêntico esporte de massas. Há muito deixou de ser uma atividade lúdica, tornando-se profissional, adquirindo características culturais, com envolvimento sociológico, político e econômico. Mas, mantendo suas características esportivas e de lazer.

Atualmente discutir futebol é especular sobre um jogo moldado pelo capitalismo, pelo tráfego de influências, de cartolas, e, por tudo que torna a vida amarga e injusta. Mas, é também, argumentar sobre todos os dilemas, problemas e lances que a vida necessariamente nos faz experimentar independente da nossa condição social.

"Futebol é a dramatização do real. Nele há a violência, a paixão, a arte, a alegria, a dor, o prazer e a mediocridade", observa Roberto da Matta, no artigo esporte na sociedade: Um ensaio sobre o Futebol Brasileiro.

O futebol é uma forma positiva de cidadania. Permite juntar o mundo da casa (onde todos são pessoas) com o universo das ruas (onde todos são indivíduos). Ele transforma (ilusoriamente) um indivíduo sem eira nem beira em pessoa, momentaneamente, vitoriosa. "O futebol, segundo da Matta, é um ponto de referência para a construção de uma História Brasileira Verdadeira, Positiva e Emocionante".

Sua origem foi elitista, hoje é extremamente popular. Nasceu ra  
cista,mas, seus reis foram negros. Surgiu como uma ginástica, um exer  
cício para aumentar a força, mas são nos pés mágicos de um artista  
que se tornou emocionante e transformou-se em pura paixão.

Enfim, essa reportagem procura traçar um painel dos vários ele-  
mentos que compõem o universo do futebol brasileiro, que vai além dos  
gols. Mostrar, sem apresentar conclusões, a sua origem, o racismo, as  
manipulações políticas, questionar se é arte ou não. Levantar opini-  
ões contrárias, ser um espaço para uma nova discussão sobre o fute-  
bol.

## CAPÍTULO UM

### DAS POLAINAS ÀS SANDÁLIAS

#### ORIGEM

O Homem sempre jogou bola. Devia ser uma espécie de exercício de guerra, quando os chineses, há milhares de anos introduziram o jogo da bola - O Tsu-Chu. Este jogo consistia em fazer passar por entre dois mastros enterrados no chão, e ligados por uma corda na parte superior, uma bola de couro cheia de cabelos ou capim. Os vencedores recebiam ricos presentes.

Em Tebas, foram encontradas bolas cheias de cereais, colocadas como lembranças dentro dos mausoléus.

Na Roma dos Césares, um jogo agradava os chefes militares, o Har Pastum. Um autêntico jogo de equipe, composto por dezenas de jogadores, que se deslocavam sobre um grande campo retangular, separado em duas metades. O vencedor era a equipe que colocava a bola o maior número de vezes atrás da última linha do campo adversário.

Apesar da decadência do império romano, o jogo da bola não desapareceu. O Har Pastum deu lugar À Sola.

Por volta de 1300, os ingleses praticavam um jogo extremamente violento, de uma brutalidade inimaginável - A Sola.

Os adversários eram, normalmente, habitantes de aldeias vizinhas. A saída era dada no meio da estrada entre as duas aldeias. Ganhava a equipe que conseguisse levar primeiro a bola (ou o crânio de algum invasor) à praça do povoado adversário. Eram verdadeiras batalhas campais, o fanatismo fazia com que, na maioria das vezes, as partidas de Sola terminassem em guerra. No dia 13 de abril de 1314, o rei Eduardo II obrigou o prefeito de Londres a proclamar um decreto célebre, que dizia o seguinte: "Em razão das grandes desordens causadas na cidade e nos campos, em consequência dos pontapés e empurrões trocados na disputa pelo grande balão; considerando que estas brigas podem produzir grandes desgraças, condenadas por Deus; pelo nosso poder proibimos, sob pena de prisão, a continuação da prática desse jogo". Um cronista italiano da época observou: "Se isso é brincadeira, é difícil imaginar o que eles chamam de briga".

Talvez A Sola explique toda a violência dos ingleses nos estádios de futebol.

Idade Média, as trevas cobrem a luz. Renascimento, o mundo se redescobre. A Itália, berço do renascimento, mostra uma nova espécie de futebol: - O Gioco del Calcio. Disputado, pela primeira vez em Florença, num campo de 100 metros por 50, com uma goleira em cada extremidade, duas equipes de 17 jogadores, cada um com posição definida. Havia zagueiros e atacantes. Era um espetáculo vistoso, se disputava de maneira viril e leal. Um jogo de aristocratas, reis, papas e a nobreza participavam e assistiam aos desfiles dos vencedores em trajes coloridos.

Antes de 1863, os ingleses praticavam, não mais a Sola, mas um jogo de bola de maneira furiosa nas ruas, nos parques, nos pátios. Não havia regras, mas era proibido carregar a bola com as mãos. Nos colégios e nas universidades, o Foot Ball passou a ser praticado, com onze de cada lado, com regras estabelecidas e com um juiz. Do futebol surge o Rugby (permite usar as mãos). No dia 26 de outubro de 1863, cria-se a Football Association. Surge então o futebol que conhecemos, estavam abertas as portas do mundo para entrada do esporte-rei, hoje praticado nas mais remotas regiões da terra, olhado de maneira atenta por uma câmera de televisão.

#### NO BRASIL

"E afinal, em 15 de abril de 1895, na Várzea do Carmo, em São Paulo, entre as ruas do Gasômetro e Santa Rosa, o futebol brasileiro tem o seu batismo oficial. Realiza-se o primeiro jogo de bola organizado, com súmula, juiz e tudo. Até com direito a pequena torcida, muito seleta. Os dois times ou teams, vinham sendo treinados, há vários meses, por Charles Miller, usando o aprazível Field da família Dulley, conta Edilberto Coutinho, em "Bola e Ficção: no calcanhar de todos os poderes", no livro Esporte e poder.

Mas, antes de Charles Miller, o brasileiro já jogava bola. Em 1864, no Rio de Janeiro, marinheiros ingleses jogaram na praia de Copacabana "a primeira partida" de futebol no Brasil.

Um estranho jogo de bola era praticado por alunos do Colégio São Luís em Itú, SP, em 1872. Era chamado de Foot-Ball à maneira de Eton (lan-

cava-se a bola na parede). Entre os anos de 1891 a 1893, o jogo de bola era praticado nos terrenos baldios da rua Paissandú, no Rio de Janeiro. Um certo sr. Hugh, funcionário inglês da São Paulo Railway, introduziu o futebol em Jundiaí, SP. Havia "rachas" entre os empregados ingleses e brasileiros.

Em 1894, Charles Miller, um rapaz baixo, filho de ingleses, de sembarca na Estação da Luz. Na sua bagagem, duas bolas de capotão, uma bomba de encher e dois manuais; um ensinava as regras e, o outro, como jogar Foot-Ball.

Dois anos mais tarde, um outro almofadinha - Oscar Cox - implanta o Foot-Ball Associaton no Rio de Janeiro.

Durante anos, o futebol é para inglês jogar e brasileiro rico ver. Os clubes de Cricket e Rugby transformam-se em Teams de Foot-Ball - o esporte da moda.

"Na verdade, como conta Joel Rufino dos Santos, no livro A História Política do Futebol", Charles Miller não queria fundar nada. Nem podia imaginar o que ia acontecer depois. Miller apenas gostava de futebol, como muitos jovens de hoje gostam de surf, ou de tênis - porque está na moda e confere status a quem pratica".

Os jogos ou Match eram uma festa. Os homens de fraque, polainas e palheta. As mulheres de chapéus, luvas e sombrinhas coloridas. Educadas palmas aplaudiam os elegantes rapazes de calções a bater nos joelhos, camisas de seda e meias de lã. Definitivamente, o futebol era um esporte de aristocratas.

Poucos acreditavam no futebol no Brasil. A enciclopédia e dicionário internacional da editora W.M. Jackson, no volume VII, verbete da página 4767, edição de 1912-14 diz o seguinte: "O futebol não é um ramo de esporte que se possa esperar ver florescer num clima subtropical como o do Brasil; entretanto, alguns aficionados jogam desafios". O que seria uma moda passageira, tornou-se paixão nacional.

No começo ingleses. Depois, italianos, alemães e portugueses organizaram seus times. Brasileiro nem ~~em~~ pensar. O máximo que se permitia, era assistir os jogos. Mas só os ricos, a aristocracia. "Os pobres espiavam por cima do muro, mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo; os craques ao saudarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquibancada, bouquet de moças e rapazes de boa família", escreveu Joel Ru

fino dos Santos, na História Política do Futebol Brasileiro.

Logo a seguir, surgem os primeiros times brasileiros. Em São Paulo, surge o Paulistano; no Rio, o Fluminense; o Fussball e o Grêmio Porto-Alegrense, em Porto Alegre; em Belo Horizonte, o Sport Club. Em 1900, é fundado o Esporte Clube Rio Grande, em Rio Grande, RS e a Associação Atlética Ponte Preta, Campinas, SP. Clubes que ainda estão em atividade.

Em 1910, um clube inglês, o Corinthians, fez uma excursão pela América do Sul. No Brasil, venceu o Paulistano por 7 a 0 e o Fluminense por 8 a 1. Pura ironia: um time inglês serve de vingador para a "Turma da Geral", para a plebe. Um mês depois, um grupo de artesões e pequenos funcionários fundam o Corinthians Paulista, o primeiro clube de esquina. Os pobres entram no futebol.

Os clubes ricos reagem, jogam apenas entre si. São criadas duas Associações (Ex.: em São Paulo, a Liga Paulista de Futebol, para os pobres; e a Associação Paulista de Esportes Atléticos, para os burgueses). De um lado, a elite, do outro, a pobreza. Inicia-se, de uma certa maneira, uma luta de classes.

A presença dos pobres afastou muitos admiradores dos estádios. Alguns estudantes voltaram para as suas aulas e as mocinhas abandonaram os "Fields". Os jornais da época criticavam a nova situação do futebol. Falavam da violência e das descortesias dos "malandros" que entraram no jogo.

Vários clubes fecharam o seu departamento de futebol. Muitos ingleses foram embora. E o jeito era apelar para os brasileiros. Não podia ser negro, nem procurado pela polícia. Mulato, só se fosse bom de bola e jogasse à eufopéia, como ensinava os manuais.

Apesar de não ser mais um exercício para aumentar a força, o futebol se comportava como tal. Eram jogadores fortes e enérgicos. A bola sempre dividida e sempre alçada alta para a área. Mas, um jogador acariciava a bola no peito, rolava na grama, livrava-se do adversário com o jogo de cintura, dono de um drible infernal. Era o mulato Arthur Friedenrich - o El Tigre, o primeiro artista da bola. Fried, como vários mulatos, esticava o cabelo e passava pomadas para embranquecer a pele. O "El Tigre" marcou 1239 gols em 1329 partidas.

No dia 22 de outubro de 1916, num Fla-Flu, o escritor e fundador da Academia Brasileira de Letras, Coelho Neto, inconformado com o ju

12, saltou o pequeno gradil e de bangala em punho, de chapéu coco e fraque, tentou agredir o árbitro. A partida foi suspensa.

Em 1914, a primeira seleção brasileira entra em campo. O historiador Joel Rufino dos Santos, no seu livro História Política do Futebol conta como foi o jogo: "Entra o nosso time, Marcos Mendonça, Lagreca, Rubens Sales, Formiga, Arthur Friedenreich. No começo, levamos um suor, queríamos jogar no muque, no pontapé - como mandava os folhetos ingleses. De repente, entramos na nossa: 2 a 0. Quatro gringos alegaram contusão para deixar o gramado e interromper a partida: nunca o Exeter City perderia no Brasil. O Referee (juiz) não consentiu, eles voltaram. Sorry. Tudo Bem.

O capitalismo se instala no Brasil. Começa a industrialização. Os trabalhadores organizados em sindicatos fortes lutavam por oito horas de trabalho, melhores salários e higiene nas fábricas. Os patrões não aceitam as reivindicações. Em 1917, ocorre a primeira intervenção direta do estado no futebol. Joel Rufino conta como foi: "A greve de 17, chegou a paralisar dezenas de milhares de operários, fez ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um esporte de massas, como a uma criança que se manda brincar "para queimar energias", os operários foram, então, mandados jogar futebol; os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir Grounds; a polícia parou de reprimir os ranchos em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos".

No futebol da camisa de seda, do calção comprido, o Vasco da Gama aparece com seu time de operários, com camisa desbotada, rompe definitivamente, o ranço que impedia negros de jogar futebol e, arrebatou o título de campeão carioca de 1923.

O futebol já é esporte nacional. Começa a se discutir a profissionalização.

#### - O ROMANTISMO

A partir de Fried, o Brasil criou a sua escola de jogar futebol. A arte substitui a força, o drible e o passe certeiro, a correria. Tem início, o que foi chamado tempos depois, o futebol romântico. Era o tempo do prazer de jogar bola, de procurar o gol a todo o momento, sem se preocupar com a defesa, tempo do clássico esquema 2-3-5 (dois zagueiros, cinco meias e três atacantes).

Getúlio Vargas toma o poder em 30. O Brasil se industrializa e o capitalismo se consolida, o futebol deveria acompanhar a grandeza do país. Mas, apesar de contar com gênios, como: Fausto, Leonidas da Silva, Domingos da Guia e Tim, o Brasil era "Freguês de Caderno" dos países do Rio da Prata.

Numa manhã de fevereiro de 1937, desembarca na Praça Mauá, Rio de Janeiro, o técnico húngaro Dori Kruschner. Vindo da Europa como Charles Miller, Kruschner não trazia bolas, chuteiras ou uniformes, trazia um novo manual, um novo esquema tático o WM.

O WM surge na Inglaterra com Chapman, um esquema que buscava o equilíbrio das funções dentro de campo. O sistema era o seguinte: três zagueiros, dois meias, e três atacantes. Alguns cronistas esporádicos da época combateram a idéia. Argumentavam que o jogador brasileiro iria perder a sua mais pura característica: a improvisação.

No primeiro treino do Flamengo, Kruschner escala de zagueiro recuado, para marcar o centro avante, o maior jogador da época: o center-half (ou centro-médio) Fausto - A Maravilha Negra. Criador da escola dos centro-médios brasileiros, Fausto recusou jogar de beque e e trava uma luta árdua com Kruschner. "A cada jogo, precisava provar que aquela inovação do WM era má. Terminava o primeiro tempo botando os bofes pela boca e não aguentava o segundo. Ou invertia, poupando-se no primeiro, para deslanchar no segundo. Adiantava? Não. Os críticos se enchiam de razão; Kruschner é que estava certo, o futebol tinha que evoluir. Em todo o país, do Fluminense ao mais modesto time de várzea, começou a se jogar no WM", narra Joel Rufino dos Santos, em "A História Política do Futebol Brasileiro".

O país se urbaniza, as cidades se tornam mais importantes que o campo, e o futebol uma forma de lazer das massas trabalhadoras. Em 1933, o futebol se tornou profissional, atletas e dirigentes contrários à profissionalização recusavam a pagar e a receber dinheiro. Temiam a morte do "Espírito Olímpico"; para eles, devia-se jogar por amor à camisa, nunca por dinheiro.

Começa a clássica discussão: atleta x mercenário. Uma discussão que dura até os dias de hoje. Ontem: acusavam de mercenários: Fausto, Leonidas e Zizinho. Hoje: Sócrates, Zico e Falcão. Todos vítimas deste preconceito aristocrático de futebol.

O rádio foi fundamental para a popularização definitiva do fute

bol, cada clássico da década (Fla x Flu e Corinthians x Palestra) reuniam em torno de 50 mil pessoas, e com o rádio, surge a idolatria. O maior ídolo foi Leônidas da Silva - O Diamante Negro. Extremamente conhecido, Leônidas "arrastou" mais de 70 mil pessoas para ver sua estréia no São Paulo, e onde ia, carregava multidões atrás de si.

Surgem os primeiros títulos; o Brasil ganha algumas taças, disputadas contra o Uruguai e a Argentina. Em 38, chega em terceiro lugar na copa. Os anos de ouro se aproximam.

#### - APOGEU

Muitos afirmam que os anos 40 foram os melhores do futebol brasileiro. Grandes times, como o "Expresso da Vitória" do Vasco da Gama, e gênios como: Zizinho, Heleno de Freitas, Baltazar, Teleco, Te-sourinha, Cláudio, Domingos da Guia, Barbosa, Danilo Alvim, Ademir de Menezes, Ipojucã, Maneca e outros. "Uma verdadeira constelação". Uma época onde a bola rolava macia, de pé em pé. Mas, a guerra não deixou que o mundo conhecesse alguns desses gênios.

1945. Termina a guerra, Getúlio é deposto, respira-se "liberdade" no país. Surge um bando de novos partidos - PSD, PTB, UDN, -PSB, PCB e até um Fascista (Ação integralista brasileira). A cor preta trocada pela verde.

Época da guerra fria. Os termos bélicos invadiam o futebol, a partida era confronto; o adversário, inimigo; palpites do técnico, estratégia. Época do rádio, Emilinha ou Marlene; Zizinho ou Ademir - Ademir foi eleito o jogador "mais popular do Brasil", com 5 milhões, 304 mil e 935 votos, votação superada apenas por Jânio e Jango em 1960.

1950. Getúlio volta ao poder pelo voto. O Brasil construiu o Maracanã - o templo sagrado do futebol. Os gênios brasileiros da década de 40 podem enfim mostrar sua arte para o mundo.

Na estréia, a fácil vitória sobre o México por 4x0. Num jogo confuso, onde a técnica esbarrou no ferrolho, o Brasil empata em 2x2 com a Suíça. A seleção sai de campo vaiada.

No jogo contra o México, o técnico Flávio Costa usou a base carioca, e contra a Suíça, usou a base paulista. O terceiro adversário era a Iugoslávia. Um jogo difícil, mas o Brasil ganhou por 2x0, Flávio Costa acertara o time.

Vieram as semi-finais. A Suécia quis jogar aberto, e perdeu de 7 a 1. Contra a Espanha, o Brasil jogou sua melhor partida na copa. A vitória veio fácil: 6 a 1. Mas, o espetáculo foi duplo, em campo, um baile sem música. Chico chegou a sentar na bola. Ademir no finzinho, carregou "a criança" nas costas, do meio de campo à meia-lua. Danilo fez 22 embaixadas com o calcanhar, "acredite se quiser", narra Joel Rufino dos Santos, na História Política do Futebol Brasileiro. Fora, o show era da torcida, depois do quarto gol, o público cantava a marchinha "Touradas de Madri". Da euforia para o encantamento. Milhares de vozes, pronunciavam com ênfase o "Bum" (do paratibum) e alongando os "us" (de unha e catalunhas) dava a impressão de um vendaval, de uma tempestade. Os espanhóis assustados, não viram o espetáculo, foi uma verdadeira tourada no Maracanã. E só faltava o Uruguai. Pura a formalidade, pensavam todos.

No sábado 15 de julho, a concentração brasileira foi invadida pelos políticos (50 era ano de eleições), que desejavam boa sorte à seleção. Faziam discursos patrióticos e lembravam a proposta eleitoral, foi um sábado agitado, as visitas pareciam intermináveis, e não permitiam o descanso dos jogadores. Enquanto isso, em seu hotel, Obdulio Varela dormia.

Domingo, 16 de julho. Os jornais estampavam nas manchetes: "Brasil campeão do mundo". Ao meio dia, o Maracanã já estava lotado. O prefeito do Rio, Angelo Mendes de Moraes, fazia um discurso eloquente: "O governo municipal cumpriu o seu dever construindo o estádio que aí está. Agora, jogadores, cumprí o vosso!" (Placar (1976) - A história das copas. Cap. 5). A festa já estava preparada.

Foi uma final disputadíssima. O primeiro tempo foi nervoso, o Brasil não repetia suas últimas atuações. Veio o segundo tempo, e logo aos 2 minutos, Friaça marcava o gol do Brasil, o Maracanã delirou por breves instantes. Lentamente, comandado por Obdulio Varela, o Uruguai vai se impondo em campo. Obdulio Varela - el capitán, exigia empenho, garra e vontade. Volta e meia, mostra a camisa celeste para os companheiros, gritando: "Mais alma, mais alma".

Aos 26 minutos, Schiaffino cala o Maracanã, o empate ainda serve para o Brasil. Até que Ghiggia recebeu uma bola pela direita, correu até o fundo e bateu rasteiro, fraco e torto. Mas, a bola, caprichosamente, passa por baixo do corpo de Barbosa. ... Gol!! O impossível

acontecia: Uruguai campeão! O mundo desabou para as 200 mil pessoas do Maracanã e para laguns milhares em todo o Brasil. Os gênios perderam para a garra uruguaia.

Durante muito tempo, procurou-se os culpados. E mais uma vez, o racismo "mostrou" a sua face. Escreveu Mário Filho, na segunda edição de "O negro no futebol brasileiro" - copiado do livro Esporte e Poder, "os bodes expiatórios foram escolhidos a dedo, e por coincidência todos pretos: Barbosa, Juvenal e Bigode, os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada".

A frustração não matou o futebol. Vinte dias depois, uma multidão de 150 mil assiste o FlaxFlu. "A torcida percebeu a importância do nosso futebol, o povo saiu chateado pela derrota, mas não saiu morto como pretendem alguns masoquistas: o povo saiu campeão", declarou João Saldanha, em entrevista a revista Ele e Ela, março de 76.

A conquista de um título mundial virou paranóia. Em 54, na Suíça, o Brasil deu um vexame. O goleiro Veludo, o célebre meia do Flamengo, dr. Rubens e o grande mestre Zizinho não foram convocados. Motivo: "não tinham espírito de seleção", "não tinham disciplina tática", "não acompanharam a evolução do futebol". A fama de covarde pesava na seleção, e todos adversários, eram recebidos a pontapés. Veio o jogo contra a Hungria. Antes de entrar em campo, os jogadores cantaram o Hino Nacional e foram obrigados a beijar a Bandeira, no microfone, o locutor Geraldo José de Almeida berrava: "Craques do Brasil! Hoje vamos vingar nossos mortos de Pistóia". O que tinham a ver os húngaros com os brasileiros mortos na Itália e enterrados em Pistóia? Ninguém sabe. O time brasileiro bateu, tentando provar que era "macho". E o futebol arte ficou a cargo dos húngaros. Puskas explicou o talento de sua seleção: "Aprendemos de tanto ver os brasileiros". Num descuido dos deuses da bola, a magia, o talento, o futebol de Puskas, Kocsis, Hidegkuti e Cia., foi derrotado pelo futebol bem organizado, lutador, valente, mas defensivo da Alemanha. Uma derrota do próprio futebol.

Finalmente, em 58 o Brasil é campeão, com rei e tudo. A trajetória foi longa e penosa. "havia um relatório segiloso", um "estudo científico", o qual colaboraram dois ou três médicos, o responsável pelo relatório concluía que o maior mal do jogador brasileiro era o seu temperamento, nossos craques, sobretudo os "de cor" (os cientis-

tas ainda empregavam a expressão "de cor" em vez de negros), eram de  
masiadamente emotivos. Longe de casa, quase morriam de nostalgia, co  
mo os antigos escravos africanos. Nostálgicos, emocionalmente vulne  
ráveis, os jogadores brasileiros, com muita frequência, deixavam-se  
trair pelos nervos .....

.....  
coincidência ou não, o time escalado atendia plenamente às recomenda  
ções do "relatório sigiloso", já que, dos onze jogadores, nove eram  
brancos. Com um detalhe sugestivo: os que não eram brancos (Dida e  
Didi) tinham reservas ainda "mais negros" que eles (Pelé e Moacir).  
Onde pudesse escalar um branco, a comissão técnica não escala um ne  
gro". - (Placar - A História das Copas - Edição especial 1976).

Numa reunião com Feola, Belini, Didi e Nilton Santos mudaram a  
História do Futebol. Eles pediam a escalação de Pelé e Garrincha, Feo  
la atendeu. E o futebol nunca mais foi o mesmo.

Mineiro de Três Corações, menino ainda, Pelé encantou o mundo.  
Seus pés pareciam mágicos, tinha um controle do campo, nunca visto.  
A bola vem alta, ele aconchegava no peito ternamente. Pelé mantém  
com a bola uma relação libidinosa, dorme e pensa nela, seu talento é  
do tipo esférico, e se exprime no campo, com a mesma desenvoltura do  
seu brinquedo. Armando Nogueira foi quem melhor definiu Pelé: "Se  
não tivesse nascido gente, teria nascido bola".

Junto com Pelé, brilha o Mané. As pernas tortas de Garrincha fi  
caram tão (ou até mais) famosas que as pernas de Brigitte Bardot.  
Mané Garrincha não inventou o riso no futebol. Antigamente, ria-se  
com as jogadas mal feitas, com os tropeções na bola. Com Garrincha,  
o riso é outro, como um Carlitos dos gramados, ele ia e vinha com a  
mesma magia do vagabundo de Chaplin. Pernas tortas, ameaçava para a  
direita, e por lá mesmo ia, mais um "João" surgia. "Aquele drible pe  
la direita que era a negação do drible porque sabido de todos, em  
todos os campos do mundo, fez milionário em conta. Chegava à linha  
de fundo, os beques cercando a área, o espaço minguando ... um metro,  
meio metro, "ele não tem mais campo, vou dar o carrinho agora", amar  
ga ilusão: para um drible dele, a superfície de um lenço era um lati  
fúndio" -(Armando Nogueira - "Mundo velho sem fronteira" - livro: Bo  
la na Rede).

O escritor Newton de Campos Guimarães, em seu livro "Tudo sobre o Brasil nas copas do mundo", conta: "Antes da partida final entre Brasil e Suécia, os "experts" do futebol vaticinaram:

1º Se os suecos marcarem primeiro, ganharão o jogo;

2º Se chover, a vitória será sueca, porque os brasileiros não poderão exibir seu futebol arte, em campo pesado;

3º Se o sorteio dos uniformes, favorecer a Suécia, e os brasileiros tiverem de trocar de uniformes, superticiosos como são, ficarão nervosos e a Suécia vencerá.

No dia do jogo, choveu até pouco antes do início da grande final; os suecos ganharam o sorteio dos uniformes, finalmente, os suecos marcaram o primeiro gol do jogo, completando assim os três fatos que lhes dariam a vitória final.

Mas terminara a partida, o nome do vencedor era: BRASIL!....

A festa adiada de 50, era comemorada fora de casa. Brasil campeão do mundo! E Pelé é coroado o rei do futebol.

O bi-campeonato veio em 62, no Chile, praticamente o mesmo time. Pelé machucou-se no segundo jogo, e ficou fora da copa. Deu medo em todos os brasileiros, sem o rei, será possível ganharmos? Era. Pois o Brasil tinha um jogador, ou seria um bailarino?, de outro mundo: Mané Garrincha.

Foi a copa do Mané. Jogou pela direita, pelo meio, na defesa, na esquerda e fez gols, até de cabeça - Garrincha achava doída a cabeça. Carregou os dez companheiros nas costas. E Mauro ergueu a taça.

Garrincha driblava fora do campo, com a mesma facilidade que dentro dele. Ludibriou a vigilância e teve um caso com Elza Soares, abafado por todos (imprensa, comissão técnica e jogadores). Contra os ingleses, Garrincha fez tudo; deu um baile pela direita, enfileirando seus marcadores, deslocava-se para o meio, exercendo a mesma função de Pelé e foi responsável pelos 3 gols (Brasil 3x1 Inglaterra). Terminado o jogo, os cronistas ingleses afirmavam: Garrincha é o melhor jogador do mundo; melhor que Pelé. "O técnico Walter Winterbotton, em entrevista coletiva, fazia um pedido de desculpas: "Ontem falei a vocês que Garrincha é um jogador de um drible só, dispersivo e individualista. Estava enganado. Hoje ele me provou que pode fazer coisas, talvez impossíveis para outro jogador. Ele é tão

fantástico que fico me perguntando de que planeta teria vindo Garrincha?" (Telmo Zanini - Mané Garrincha - o anjo torto - Coleção Encanto Radical).

Contra o Chile, Garrincha vinha recebendo uma marcação desleal e violenta, o árbitro Yamazaki assistia passivamente. Uma nova falta, Garrincha ao invés de ficar deitado, levantou e partiu pra cima do agressor, e como o Carlitos da bola, agrediu-o com um afável pontapé na bunda, o juiz o expulsou. No julgamento, o árbitro foi punido por excesso de autoridade e Garrincha, absolvido.

Veio a final contra a Tchecoslováquia. O Brasil sagra-se bicampeão, ao vencer por 3x1. Nova vitória da arte, triunfo de Garrincha.

O tempo passou e a vida foi cruel com Mané. Ele não foi o driblador, foi o João. Manuel Francisco dos Santos, Garrincha, morreu no dia 20 de janeiro de 1983, aos 49 anos. E o futebol nunca mais foi o mesmo.

Em 66, a arte deu lugar à força. Talento ganhou novo conceito. Talento, agora é a habilidade aliada à força num processo dinâmico. E o Brasil fracassa. Garrincha com os joelhos estourados, não é mais o mesmo e, Pelé é caçado covardemente pelos portugueses.

"Topo - com essa palavra se decidiu talvez a sorte da copa de 70. Com ela se definiu um estilo. Um estilo que se revesaria em muitos lances. Na definição da própria seleção - não mais apenas os 11 canarinhos, mas as feras do Saldanha". (Flacar - A História das Copas - Cap. 10 - Edição especial 1976).

"Ninguém segura este país", era o slogan do governo da "Revolução" de 64. O fracasso de 66 não combinava com a nova imagem do Brasil, era preciso armar um time forte. Mas como armar um time? Primeiro, precisa-se de um técnico; segundo, de jogadores. Jogadores haviam, e o técnico? O Brasil passava por uma crise futebolística, a imprensa criticava o vacilo da CBD. Antonio do Passo, presidente da comissão técnica da CBD, tem o estalo! Porque não convocar alguém da imprensa? E João Saldanha tócou.

Durante quase 13 meses, a seleção e seu trinador atravessaram as mais contraditórias crises: a da polêmica (escala ou não Pelé), da consagração popular (a classificação para a copa) e a crise final (a resposta do presidente).

Nas eliminatórias, o Brasil mostrava a sua força. Mas, o "João

sem Medo" desagradava ao regime com suas declarações. Na Europa confirma a existência de torturas. O ditador de plantão, Emilio Médici, admirava o futebol de Dario e queria sua convocação, João Saldanha respondeu: "Quem escala a seleção sou eu, o presidente escala o minis-tério". Foi a gota final, o "João sem Medo" era demitido do cargo.

A seleção estava armada, pelo menos tinha-se a idéia do time. Precisava-se de um técnico subserviente, omissivo, assim como Feola: Zagalo é o escolhido. Tinha o respaldo dos jogadores e da imprensa. Além do que, não falava em política, só dava declarações sobre o futebol, e isto, interessava ao regime. Dario é convocado.

A seleção não conseguia repetir o bom futebol das eliminatórias. Antes de embarcar para o México, a delegação é recepcionada no Palácio Guanabara. A revista Placar - 2 de maio de 1970, conta o que ocorreu: "O ataque de Zagalo era Jairzinho, Pelé, Roberto e Paulo Cesar. Nesse dia (28 de abril de 70), o Palácio Guanabara abria-se para uma recepção aos homens da seleção. Lá estavam o governador Negrão de Lima e o general Sizen Sarmento - comandante do 1º Exército e um apaixonado pelo futebol. Zagalo chega com seu estado maior e não há como fugir das perguntas sobre a seleção e seus pontos críticos. Com impávida tranquilidade, o técnico anuncia que, para o jogo com a Áustria (último amistoso antes do embarque), permanece o esquema e a escalação. Mas, ao sair dessa recepção, Zagalo escala seu ataque assim: Jairzinho, ou Rogério, Tostão, Pelé e Rivelino!... Que estranho fenômeno teriam ocorridos dentro do palácio? Que influência teria sofrido o treinador da seleção brasileira? Finalmente era escalado o ataque da preferência popular! Daí para frente a rigidez dos esquemas dá lugar à improvisação.

No México o que se viu foi um futebol de admirável qualidade técnica aliada a uma preparação física excelente. O talento voltou a brilhar e o time brasileiro encantava com suas exhibições. Impressionavam a segurança de Everaldo e Clodoaldo, a qualidade de Carlos Alberto, o futebol refinado de Rivelino, os toques sutis de Tostão, a fúria de Jairzinho e o comando de Gerson. Mas o ponto alto era Pelé. Acusado de estar acabado para o futebol, foi na copa de 70 que Pelé mostrou os seus maiores momentos. Capaz de jogadas sensacionais, como no lance contra os Tchecos. O goleiro Viktor se adianta para comandar o jogo, de repente, do meio de campo, Pelé tenta o impossível:

encobrir o goleiro. A bola passa rente a trave. Mas, o desespero de Viktor correndo para o gol, converte-se num dos momentos máximos da genialidade de Pelé.

Os gritos de gols de Pelé, Tostão e Cia. encobria os gritos de dor dos porões da ditadura. Teria o futebol da seleção culpa? O escritor Edilberto Coutinho acha que não: "É preciso dizer que o uso do futebol por eventuais ditaduras, não invalida o jogo, na força mágica de sua beleza e de sua emoção, que sempre preponderam. E, afinal, o futebol, como a literatura - quando bem praticados - é a força do povo. Por isso, nenhum ditador pode com eles. Os ditadores passam. Passarão sempre. E um poema sobre futebol de um João Cabral de Melo Neto, por exemplo, é um momento interno. Como um gol de Garrincha. Ninguém esquece. (Livro: Esporte e Poder no artigo: Bola e Ficção: No calcanhar de todos os poderes).

Mas, um homem, também, comemora. Era João Saldanha, o criador das feras.

#### - A QUEDA

O Brasil vivia em clima de euforia. Era a época do milagre econômico, dos grandes projetos, Transamazônica, Itaipú, Ferrovia do Aço, ponte Rio-Niterói. O Brasil grande passou furioso pelo futebol. Gigantescos "elefantes brancos" de concretos foram levantados com verbas ilimitadas. Na Paraíba, em uma semana, foram inaugurados dois estádios, construídos pelo governador Ernani Satyro. O de Campina Grande, cujo o nome oficial é Governador Ernani Satyro, e o de João Pessoa - o nome oficial era Senador Ernani Satyro, anos depois mudado para José Américo de Almeida Filho. Os estádios se alastraram por todo o Brasil. Mas, o absurdo aconteceu em Erechim, RS, construíram um estádio para 45 mil pessoas. Na época, Erechim tinha pouco mais de 40 mil habitantes.

Mas, acabou-se o que era doce. O milagre era uma farsa. Os banqueiros começaram a cobrar o que haviam emprestado, veio a crise do petróleo. No futebol, os primeiros indícios de uma europerização. O jogador, antes de atacar, deveria marcar. Afonsinho era proibido de jogar porque usava barba e pedia passe livre. E, Pelé despede-se da seleção.

O futebol de toques mágicos era coisa do passado. Na copa de 74

o Brasil foi um time covarde e defensivo, a arte ficou por conta dos holandeses comandados por Johan Cruiff. O Brasil ficou num melancólico 4º lugar. E em novembro de 74, a Arena perdia a eleição.

O campeonato brasileiro chegou a ter clubes. Era a época do slogan: "Onde a Arena vai mal, um clube no nacional". Na CBD, todos os dirigentes são militares. "Na CBD, até o papagaio bate continência". (Joel Rufino dos Santos - A História Política do Futebol Brasileiro).

A europerização do nosso futebol é evidente, a preparação física sobrepõe a preparação técnica. Certa vez, o técnico Rubens Minelli disse num programa de televisão: "No meu time, não joga ninguém com menos de 1,75 m". Parecia que o velho e aristocrático futebol estava de volta.

Para técnico é convocado o capitão Cláudio Coutinho, estudioso e especializado em volley e educação física. O Brasil era o reino da tecnocracia, e o futebol, ganha o seu tecnocrata. Foi o tempo do overlapping, do future point. Inimigo do futebol arte, Coutinho declarou que "o drible era a nossa fraqueza".

Para a copa de 78, o Brasil levou à Argentina um pelotão de soldados. Falcão assistiu a copa pela tevê, em seu lugar foi Chicão. "Ele transformou os jogadores brasileiros em cumpridores de ordens", acusou o técnico César Luis Menotti. E o Brasil voltou campeão moral.

Com o tempo, o país mudou e o futebol, também. Começaram as discussões dentro dos clubes. Em 82, surge no Corinthians um movimento denominado Democracia Corinthiana. Os jogadores, apoiados pelos setores mais liberais da diretoria do clube, iniciam um processo de discussões sobre a condição dos atletas, sua relação com o treinador e os dirigentes, e sobre os problemas nacionais.

Uma nova troupe de mágicos encanta o país. O time de Telé Santana devolveu a alegria e arte de jogar futebol. Zico, Sócrates, Falcão Cerezo, Junior e Éder entram na galeria dos grandes jogadores brasileiros. Um novo cochilo dos deuses da bola, e arte esbarra no velho Cattenacio italiano. A revista Placar de julho de 82, revela na capa, todo o sentimento do povo brasileiro: "Que pena, Telé!"

Hoje, o futebol está novamente na defesa. Novembro de 85, o Brasil não tem técnico e nem time. Será a decadência definitiva do futebol brasileiro? Não. Enquanto houver um terreno baldio e um menino batendo bola de plástico ou de meia, há a esperança de ter um novo craque.

## CAPÍTULO DOIS

### DE TERNO OU DE FARDA A POLÍTICA ENTRA EM CAMPO

"Futebol e política são domínios que, no Brasil, seguem juntos, num paralelismo certamente muito revelador. Pois, no futebol como na política, existe o mesmo confronto de vontades individuais e destino, biografias e coletividades governadas por leis im - pessoais. Em ambas as atividades é preciso saber jogar e uma táctica deve ser desenvolvida para a conquista da vitória. Na política e no futebol, por outro lado, fatores imprevisíveis podem interferir, dando vitória para uma equipe ou um candidato obscuro." (Roberto da Matta - O Universo do Futebol)

Desde 1894, quando foi implantado no Brasil, o futebol atraíu políticos e governos e, em várias oportunidades, o futebol foi a "Pátria de Chuteiras". A primeira intervenção direta do Estado foi na greve de 1917, onde o futebol foi incentivado para controlar os ânimos dos grevistas.

Em 1914, os clubes paulistas e cariocas fundam a Federação Brasileira de Sports, embrião da CBD e CBF, com o objetivo de disciplinar a prática esportiva. E, no período ditatorial de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, o futebol se tornou um elemento de integração nacional. Em 1941, um Decreto cria o Conselho Nacional de Desportos (CND) com o objetivo expresso de "orientar, financiar e estimular" a prática do esporte em todo o Brasil.

O Brasil se modernizava. Havia uma desenfreada urbanização, as industrias substituíam os cafezais e a repressão era violenta. O país vivia o "Estado Novo". O palco predileto de Getúlio Vargas era o Estádio São Januário, do Vasco da Gama. Lá ele anunciou a paternalista CLT e o controle dos sindicatos. O poderoso DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) fabricava a propaganda do líder populista e, um dos instrumentos era o jogador Leônidas da Silva, que declarava nas entrevistas: "Graças a Deus, em qualquer parte do território nacional, mercê do Estado Novo, que tanto tem felicitado o Brasil, vive-se já num ambiente de inteira liberdade e às claras. Eram os "anos felizes".

Sede da Copa de 1950, o Brasil não mediu esforços para mostrar que jogávamos o melhor futebol do mundo. A queda de Vargas abriu o caminho para a democratização do país, mas relações estado/futebol continuavam. Em campo, os craques eram perseguidos pelos marcadores. Fora dele, pelos políticos. "Nos momentos que antecediam os jogos, os vestiários do Maracanã assistiam a uma verdadeira romaria de políticos e autoridades civis, militares e religiosas. No rádio, locutores entusiasmados tratavam de criar um clima de euforia jamais visto em outras ocasiões. Com a derrota, houve choro e velas. Os políticos, convenientemente, "sumiram", conta o jornalista José Esmeraldo Gonçalves em "Esporte e Poder". As vitórias de 58 e 62 não impediram o golpe de 64. Jango é derrubado e os militares tomam o poder. Lennon dizia que o sonho acabou e para o Brasil não havia luz no fim do túnel.

O vexame de 66 não combinava com a "nova imagem" do país do futuro. Em 1968, no dia 13 de dezembro, o "Presidente" Costa e Silva decreta o Ato Institucional nº 5, começa a temporada de cassações. Em 1969, Costa e Silva é afastado, toma o poder uma Junta Militar. Médici é nomeado presidente. Travava-se uma guerra suja, a agitação popular no Rio e São Paulo transforma-se em guerrilha urbana. Nos porões da ditadura decidia-se por um combate violento à guerrilha. Surge a "Operação Bandeirantes". "De radinho de pilha no ouvido, o Presidente Médici, foi promovido a torcedor número um do país. Passou a ser um assíduo frequentador das tribunas de honra dos estádios. Não escondeu as suas preferências clubísticas. Identificou-se como torcedor do Flamengo e do Grêmio." (Roberto Ramos - Futebol: A Ideologia do Poder). Estava aberto o canal de comunicação com a população. Saldanha classifica a seleção e, é demitido. Motivo: o presidente Médici sugeriu o centroavante Dario para a seleção. Saldanha retrucou: "Quem escala a seleção sou eu, o presidente escala o ministério." Em seu lugar é convocado Mario Jorge Lobo Zagalo, um ex-bicampeão mundial. Pela primeira vez a Copa do Mundo é transmitida ao vivo, pela televisão, para o Brasil.

O futebol mágico da seleção de 70 encantou o mundo. Era impossível ficar passivo diante de um chute de Rivelino, de um lançamento de Gérson, de uma fulgurante arrancada de Jairzinho, da malícia e da ingenuidade de Tostão e, principalmente, do antológico Pelé. Os gritos das comemorações dos gols de Pelé e Cia. eram compartilhados com os gritos de dor das torturas.

"O Campeonato Mundial de Futebol de 70 teve um Hino e um Lema que eram, ambos, expressões de euforia nacionalista que acompanhou o 'Milagre Brasileiro'. O Hino era 'Prá Frente Brasil', de Miguel Gustavo. O slogan era de autoria do próprio Presidente da República e tinha surgido de uma exclamação - 'Ninguém segura este País' - recolhida nas tribunas de Honra do Maracanã, por ocasião de um jogo da seleção, havia os céuticos, naturalmente, tinham medo das repercussões que uma vitória teria de ponto de vista da política interna. O máximo de radicalismo crítico era torcer contra a seleção, como uma forma de protestar contra o esquema repressivo que o governo tinha acionado para conter os movimentos revolucionários cujo objetivo era derrubá-lo. Em geral, os escrúpulos da consciência crítica duravam pouco. Ao primeiro ataque bem sucedido da seleção canarinho, todos viravam torcedores fanáticos", escreveu Arno Vogel (O Momento Feliz - O Universo do Futebol). O futebol é uma via de acesso real para a compreensão da realidade, nele se constrói identidades sociais que podem ser de uma forma ou de outra, instrumento de utilização e de manipulação. A Copa de 70 é considerado por vários intelectuais como símbolo máximo dessa manipulação. O jornalista Renato Ramos é um deles, "neste período, o Brasil conseguiu inúmeros títulos. Não foi só a Copa do Mundo. Conquistou o Campeonato Mundial de Tortura: prendeu, aleijou e matou. Não deixou vestígios. O futebol era cúmplice, escondia a face dos ditadores. Transformou-se na grande mentira nacional, superior à das autoridades do Governo Médici".

Não se pode negar que a ditadura militar faturou a conquista e tentou se popularizar com a imagem do Presidente que ia aos estádios com o radinho de pilha. Mas, é inegável que a história registra com mais emoção e justiça Pelé, Gérson, Rivelino, Tostão do que o sinistro ditador, Delfin Neto com seus "milagres" e o

Delegado Fleury com seus crimes. Quem foi mesmo o vencedor da Copa? O editorial "Coisa de política" do Jornal do Brasil, 23 de junho de 1970, afirma que "não há donos da vitória, nem poderia haver pensionistas de uma glória que é de todos, que é do Brasil!"

Passaram-se os anos, e o fenômeno de 70 não foi devidamente explicado. Ocorreu uma manipulação ou foi uma conveniência? A vitória foi estrategicamente elaborada ou "caiu como uma luva" para a ditadura? O escritor Luis Fernando Veríssimo, em entrevista à Revista Placar nº 805 - outubro/85, declarou que não existe relação entre seleção e o regime. Diz ele: "A seleção de 70 não era do Médici, como a de 86 não será a do Sarney ou do fantasma de Tancredo. A idéia de justificar ou condenar um regime de acordo com resultados da Copa do Mundo está dentro da mesma confusão de causas e efeitos, e não tem nenhuma lógica, salvo a lógica do oportunismo e da conveniência".

O professor Adelmo Genro acredita na manipulação, "o futebol foi um dos instrumentos de mediação para manipular a sociedade. Como também o cinema, o teatro, a literatura, a censura foram utilizados. Toda a sociedade foi manipulada através de todas as manifestações que chegam até a sociedade." João Saldanha não acredita na manipulação e afirma que: "Eles (o governo) se enganam quando pensam que o futebol consegue 'tapar' os buracos administrativos. Eu dou exemplos históricos. O circo romano não sustentou o Império Romano. Mussolini ganhou duas Copas (34 e 38) e logo em seguida penduram-no pelos pés num poste de gasolina. Hitler tentou com as Olimpíadas de Berlim. Jango ganhou uma Copa e 'caiu' do cavalo." Na opinião de Mário Ignácio Coelho, jornalista esportivo do jornal "O Estado", "a manipulação deu certo porque na seleção haviam grandes craques. Pois, é impossível utilizar uma seleção sem valores." Já o escritor Renato Pompeu disse que o futebol foi explorado pelo regime militar mas, questiona ele, "a pergunta que deve ser feita não é se o futebol é passível de manipulação por meios reacionários, que ele de fato é, e sim por que o futebol é o alvo especial desta manipulação. Isso acontece, porque o futebol tende justamente a funcionar como fator de coesão das camadas populares".

Será que o futebol nunca reagiu contra a manipulação? Para o ensaísta Ivan Cavalcanti Proença, "as reações são raras e isoladas, Pois não há sindicalização e muitas vezes não há um espírito profissional, e as reações são isoladas, tais como, a de Afonsinho, Saldaña, Sócrates e Reinaldo." A primeira faixa a favor da anistia ampla, geral e irrestrita apareceu no jogo Corinthians x São Paulo, em 1979. Na final do campeonato paulista de 1983, o Corinthians entrou em campo com uma faixa que dizia: "Ganhar ou perder, mas sempre com Democracia". Para o escritor Janer Cristaldo, o futebol nunca vai reagir, "pois o jogador não passa de uma puta do Estado, sempre em busca de melhor paga". O analista Cláudio Abramo apenas pergunta: "Por que meter o futebol nisso?".

Por ser uma paixão, onde a razão fica muitas vezes relegada à um segundo plano, o futebol é taxado de "ópio do povo". O jogador Toninho, do Avaí, concorda com a tese: "O futebol é ópio sim. O Brasil perde uma Copa de Mundo, vem tudo a tona. O futebol é onde o torcedor desabafa em cima do jogador. Ele passa fome durante a semana e joga a culpa em cima da gente. Passam a semana tranquila, chega no domingo, está de novo de cabeça quente, e descarrega no campo". Para o analista Cláudio Abramo, "o papel histórico do futebol é oriundo do fato dele ser alienante, ou fruto de alienação". Para o escritor Renato Pompeu há uma certa confusão entre o plano real e o simbólico; "As alienações fica por conta do plano simbólico com o real. Mas também o Don Quixote, de Cervantes, que lidava com a literatura, confundiu o simbólico com o real e foi caçar moinhos de ventos. E que mal há em ser Don Quixote?" O futebol assume um plano inferior na sociedade. "Na nossa concepção de sociedade, a política e a economia, são coisas mais sérias e relevantes do que futebol", escreveu Roberto da Matta (Universo do Futebol). O jornalista Juca Kfoury faz apenas uma pergunta: "Se não houvesse futebol, haveria maior consciência de classe?".

Futebol é um direito a alegria, a pretensão de hegemonia, ao quixotismo, a igualdade, a paixão e a ascensão social. Mas, entre uma chuteira e uma arquibancada há mais coisa do que sonha o torcedor.

## NEGRO NÃO ENTRA! MAS, FOI REI.

"O field está repleto, como sempre de moças da sociedade. O referee, de chapéu panamá, já trila o apito. Na porta dos vestiários, já se ouve o riscado impaciente das travas no chão de cimento. O coração de Carlos Alberto parece que vai sair pela boca! É hora que mais teme. Corre pela última vez ao espelho e tome nova camada de pó-de-arroz! Retira cuidadosamente a gorra de meia - o cabelo duro assentado em escadinha até o cocoruto. Está pronto. Os companheiros são compreensivos com ele, até o ajudam na maquiagem. O team adentra o gramado. Correm, feito um bando de andorinhas, até a arquibancada. "Hip, hip, hurra!" Carlos Alberto está quase feliz. Ninguém o xingou até aqui. Será que desta vez escapa? De repente - ele já se preparava para bater bola - o grito da galera trespassa-lhe o coração. "Pó-de-arroz!" Campo do Fluminense, Rio, 1912. Com este grito da galera americana, contra um craque que "precisava" ser branco para jogar, nasceu o apelido que o Flu conserva até hoje. "Pó-de-arroz!" (História Política do Futebol Brasileiro - Joel Rufi no dos Santos).

É uma lembrança amarga, cruel. Mas, o esporte paixão desta terra não permitia negros. O futebol surgiu branco, europeu e burguês. E o negro apareceu como um estranho no ninho, e tornou-se o rei da bola.

De Arthur Friedenrich a Paulo Cesar, o negro foi humilhado, perseguido e injustiçado. De Carlos Alberto, obrigado a embranquecer para jogar, a Junior, que encanta os europeus, o negro enfrentou e enfrenta uma luta árdua.

Numa sociedade racista como a brasileira, para o negro não basta ser bom. É obrigado a ser ótimo. É fundamental ser excelente. O melhor. E no futebol foi assim.

Quando os ingleses foram embora, os clubes precisavam de substitutos. Aceitavam os mulatos desde que fossem "cobras". Negro nem pensar. Na maioria desses clubes, na netrada, havia uma placa: "Ne-gro não entra!".

No futebol da camisa de seda e das meias de lã, onde Carlos Alberto e Friedenrich disfarçavam-se com pomadas, arouce em 1923, o

Vasco da Gama com seu time de operários, balconistas e motorneiros, numa mistura de negros e mulatos. Ainda em 23, sob a pressão do Flamengo, do Botafogo e do Fluminense, a Liga instituiu a Súmula, obrigando os atletas assinarem seus nomes antes das partidas. Os que não sabiam escrever foram impedidos de jogar. Esta atitude atingiu os jogadores negros que só voltaram ao campo depois de aprenderem a escrever seus nomes. Apesar de toda a pressão, o Vasco sagrou-se campeão. E o negro firmou-se no futebol, mas não se livrou do racismo.

Fausto era chamado de "A Maravilha Negra", mas também, de mercenário, complexado e exibido. Jogava com raiva, encarava o futebol como profissão. Em vários jogos, quando recebia a bola, um coro da torcida enchia o estádio: "Negro sujo", "Crioulo nojento".

Em 1932, já com uma certa fama, Leônidas da Silva recusa-se a sair do Bonsucesso para jogar no América, onde ganharia mais, mas teria de "estagiari" um ano na reserva e sem direito a ingressar no quadro social do clube. Leônidas quase foi linchado pela torcida americana e, novamente, se ouviram os gritos: "Negro sujo", "Crioulo nojento". Em 1938, na copa do mundo, na França, Leônidas não pode jogar contra a Itália e foi acusado de ter se "vendido".

Depois de Fried, Fausto e Leônidas, o futebol brasileiro ganhou um novo deus negro: Zizinho. Mais hábil que Fausto, malicioso como Fried, improvisador como Leônidas. Zizinho enfrentou a ira das torcidas, principalmente, adversárias. Quando resolvia dar seu show particular, o estádio parecia desabar. A sua torcida vibrava e a adversária enfurecia. E novamente ouviam-se os gritos: "Crioulo nojento", "negro sujo", "é esse, é esse (criado contra ele)".

O sonho de ser campeão mundial estava próximo, pensavam todos os brasileiros. Em 1950, o Brasil possuía uma equipe de jogadores inigualáveis, massacrando um por um seus adversários. No fatídico dia 16 de junho, o que ninguém esperava, aconteceu. A garra uruguaia venceu o talento brasileiro. "A derrota do Brasil em 50, no campeonato mundial de futebol, provocou um recrudescimento do racismo. Culpou-se o negro pelo desastre. A prova estaria naqueles bodes expiatórios, escolhidos a dedo, e por coincidência todos pretos: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada". (Mário Filho, 2a. edição do Negro no Futebol - transcrito do livro Esporte e Poder).

"No Brasil sempre foi cultivado o ideal da seleção branca, para mostrar ao mundo que não somos uma nação de crioulos", diz o professor Paulo Lago. Em 1958, um plano previa: vamos ganhar nossa primeira copa sem jogadores negros. E o Brasil estreou contra a Áustria escalando dez brancos e um mulato. Muitos negam a existência deste plano, mas não há como negar certas evidências: o único mulato era Didi - o seu reserva Moacir, era mais escuro que ele. João Saldanha confirma a existência desse plano. "Quando fui treinador da seleção me entregaram um relatório assinado pelos srs. Flávio Costa e Ibraim Tebet (técnico e diretor da seleção) que estudava os insucessos de uma seleção mal formada. Essa imbecilidade partia do princípio de que os negros, nas grandes competições se acovardavam". (Bate papo - Esporte e Poder). Mas na decisão contra a Suécia dois fatos chamam a atenção: o lateral direito, o branco De Sordi, treme, é substituído pelo negro Djalma Santos e os negros estraçalharam, Djalma Santos, Didi, Garrincha e, principalmente Pelé. Pelé despertou polêmica: dizem que não luta apelos negros. A jornalista Lucia Helena Corrêa discorda e afirma que ele é vítima de racismo, "pois sempre lhe cobram consciência política (apelo pelo qual, aliás, ele não resistiu, indo vestir a camisa das diretas já)". Para o escritor e crítico literário Janer Cristaldo "O Brasil é um país racista, e o maior racista é Pelé, que mal virou branco largou a nega veia e partiu pra comer lou ras. E negro que passa a comer branca é pior que cachorro que começa a comer cordeiro, só matando larga o vício".

Vários clubes são sinônimos de elitismo, apesar da popularização do futebol, entre eles: Fluminense, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro. Um dos últimos clubes a aceitar negros foi o Grêmio Porto-Alegrense. "Isso aconteceu a 4 de março de 1952, quando a direção tricolor, contratou Tesourinha, ponteiro-direito do Vasco, e publicou nota oficial na imprensa justificando a atitude. "... Por decisão unânime resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atleta de cor em sua representação de futebol. O uso que se formou, a tradição que se consolidou não podem mais prevalecer na época atual ...". A eliminação do racismo no Grêmio não foi pacífica. Um grupo de ~~ex~~-associados, e simpatizantes descontentes no dia seguinte assinou um a pedido nos jornais de Porto Alegre, taxando-a de arbitrária e afirmando que ..."se o gesto da atual direção do

Grêmio veio modificar a orientação traçada por seus fundadores, está essa diretoria resolvendo arbitrariamente sobre matéria que entende diretamente com a existência do clube". (Flávio Alcaraz Gomes - Zero Hora - 18 de novembro de 1985).

De Pelé cobraram a participação política. De Garrincha o "respeito aos laços familiares (onde já se viu abandonar a mulher e as filhas para se ligar a uma ...?)". Zizinho e Leônidas foram acusados de mercenários. Barbosa, Juvenal e Bigode de covardes. No entanto, o mais polêmico foi Paulo Cesar Lima. A professora Carmem Rial confessa ser sua admiradora: "Ele era perseguido pelo fato de ser negro e bodoso. O negro que conhece o seu lugar é aceito socialmente. Mas aquele que quer contestar, aí é um bodoso. O Paulo Cesar sempre foi um cara que tinha seus carrões, tomava os seus choppes, agredia as pessoas pelo fato que não aceitava a condição social imposta pela sociedade". Na copa da Alemanha em 74, o Brasil ficou com um melancólico quarto lugar. Paulo Cesar foi acusado de ser um dos responsáveis pela má campanha. As acusações variavam: de "mascarado", "pipoqueiro", "vendido". Na época da copa aceitou uma proposta do Olimpique de Marselha, França, e diziam que ele estava "preservando suas canelas".

"O futebol brasileiro vem embranquecendo, na medida em que o futebol passou a ser território livre do poder econômico. Mais uma vez o negro sobra - ele já dançou, enlouquecendo gringos nas pernas sabiamente tortas de Garrincha", avalia a jornalista Lúcia Helena Corrêa. Quando a seleção brasileira desembarcou em Buenos Aires, em 1978, um jornalista Portenho perguntou: Pero, onde estão los negros bicudos que nos aplastavan? O escritor e jornalista Renato Pompeu observa que a "seleção da França tem tido mais negros do que a nossa seleção".

Afinal, será que ainda existe racismo no futebol brasileiro? Para o escritor Joel Rufino dos Santos, há e não há. O futebol vem deixando de ser uma arte popular: os esquemas táticos, as jogadas ensaiadas, o preparo físico o estão matando, sem falar no desaparecimento da várzea, antigo celeiro de craques. Por este caminho, as chances do jogador negro diminuem. Quanto mais o futebol se aprender na escola, menos pretinhos candidatos a Pelé vamos ter. Isto, sem dúvida, é uma forma indireta - em muitas pessoas, inconsciente - de

racismo. O racismo, porém, ocorre em toda a sociedade brasileira". (Seção abrindo o jogo - Placar nº 784 - maio 85).

O professor Paulo Lago discorda. "Hoje nenhum clube vai resistir a um japonês, coreano, se ele for craque excepcional". O jornalista José Carlos Conte, da Rede B<sup>nd</sup>eirantes, diz que "enquanto o termo "Negão" estiver no vocabulário, pensamento correntes, o racismo persistirá". O negro no futebol é um fato consumado, mas os seus erros continuam sendo super-dimensionados em relação aos brancos.

A cada dia que passa, maior é a europerização no futebol brasileiro. Hoje precisa-se de dois marcadores no meio de campo e o preparo físico substitui o talento. A ginga, a criatividade do jogador brasileiro já "não resolve", dizem os catedráticos diplomados do futebol. Espera-se que com essa europerização, os negros não tenham que usar de novo o pó-de-arroz para mostrar seu jogo.

## UM TIME CHAMADO DEMOCRACIA

"Ganhar ou perder, mas sempre com democracia", era a faixa que o time do Corinthians levou para dentro do campo, no Morumbi, na noite do dia 14 de dezembro de 1983. A frase expressava o ambiente que o clube vivia, simbolizava o desejo de um grupo, de uma torcida e uma resposta aos críticos que confundiam o esquema de trabalho com indisciplina e bagunça. Foi a época da "Democracia Corinthiana", um dos movimentos mais polêmicos do futebol e da sociedade brasileira.

Para entender a "democracia corinthiana" é preciso conhecer um pouco da história do Corinthians, da sua torcida. "Em 1910, as ruas ainda eram iluminadas por lâmpões a gás. Era sob a luz de um dos lâmpões, na rua José Paulino, no Bom Retiro, que aqueles cinco homens se reuniam para conversar. Como sempre o assunto era futebol e, desta vez, eles comentavam o impressionante estilo inglês do Corinthians Team, de passagem pelo Brasil, que tinham acabado de ver jogar. "Fantástico esses ingleses", concordavam os cinco, todos funcionários da Estrada de Ferro São Paulo Railway e todos concentrados na mesma idéia: criar um time de futebol ... como aquele!

Uma idéia audaciosa - eles sabiam. Futebol, na época, era coisa de grã-finos. Fundar um clube exigia não só dinheiro como também coragem. Mas aquele ótimo futebol inglês tinha reacendido a chama e eles não podiam mais esperar. Contavam com os amigos, com um terreno baldio na José Paulino (que aplainado poderia virar campo) e ainda tinham aquela paixão, que ardia no peito e não podia mesmo esperar. No dia seguinte, estavam lá de novo. Era 1º de setembro de 1910 e os cinco sonhadores - Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perro-ne, Antonio Pereira e Anselmo Correia - se reuniam com mais oito simpatizantes e fundavam ali mesmo, sob a luz do lâmpão, um clube de futebol. O presidente seria Miguel Bataglia, mas ainda faltava o nome, "Que tal Corinthians?" sugeriu Joaquim Ambrósio. Todos aplaudiram e o presidente completou: "Sport Club Corinthians Paulista!"

Mais aplausos. É só quando alguém perguntou onde iriam arranjar o dinheiro é que o silêncio caiu entre os presentes. "O Corinthians vai ser o time do povo", disse o presidente. "É o povo quem vai fazer o

time". (Placar - Edição As maiores torcidas do Brasil - Corinthians).

Está ali, quem sabe, a eterna ligação Corinthians/povo.

O Corinthians é mesmo o símbolo do povo que não chega lá. Do povo que sofre todas as decepções, desde as mais legítimas, como também as de seus sonhos. Mas é um povo que agüenta. Que é humilde. Povo que se abate, mas que ao mesmo tempo, sabe que precisa recomeçar. E recomeça mesmo! Está presente em todas as lutas. Explica o corinthiano cardeal Paulo Evaristo, o cardeal Arns em sua "Pastoral ao povo corinthiano", (Revista Placar extra, nº 390 A - extraído do livro Emoção Corinthians, de Juca K.Fouri - coleção Tudo é História).

Mas, o time dos sonhadores enfrentou pesadelos. Perdeu o primeiro jogo para o União da Lapa. Foi rejeitado na Liga Paulista de Futebol. Passam os anos, e o Corinthians torna-se cada vez mais popular. Vira o campeão dos centenários (1922 - I Centenário da Independência e 1954 - IV Centenário da cidade de São Paulo). A partir de 54, fica 23 anos sem ganhar um campeonato. Em 1976, consegue uma proeza extraordinária: 70 mil corinthianos invadem o Maracanã e o transformam em um palco paulista. "Corinthians campeão paulista?". Finalmente em 1977, o pesadelo acaba, São Paulo virou uma festa. "O delírio foi in descritível e suas imagens estão até hoje embaçadas. Um grito tomou conta da cidade na madrugada de sexta-feira: "Corinthians campeão! Pau no cú do meu patrão! "ninguem foi trabalhar" - (Juca K.Fouri - A emoção Corinthians). Em 1981 é rebaixado para a taça de prata. Em 1982, o diretor de futebol, um sociólogo barbudo, chamado Adilson Monteiro Alves, implanta uma filosofia simples de trabalho: "Todos tem o direito a opinião e a liberdade de participar do projeto de tornar o Corinthians campeão". Nascia a democracia corinthiana.

Obviamente, dentro da estrutura tragicamente conservadora do futebol brasileiro, a proposta formulada por Adilson e elaborada em conjunto com os jogadores provocou sustos e reações dos "eternos donos" do futebol.

O psico-terapeuta Flávio Gikovate, trabalhou no Corinthians de 81 a 84, conta como começou a democracia corinthiana: "Em novembro de 81, o Adilson assumiu o Corinthians, o time estava na pior. E o Adilson é um cara extraordinariamente dotado pra liderança. Inteligente, bem formado, ideologicamente mais à esquerda. Logo se estabeleceu uma sintonia muito grande entre ele Sócrates, Vladimir e o Casa-

grande. Havia, também, um técnico omisso (Mário Travaglini) que facilitava o trabalho. Se compôs uma aliança muito grande. O coletivo pre valeceu sobre o individual e criou-se, uma fraternidade muito grande, diria, memorável".

E no Corinthians tudo mudou. O clube conservador de Wadi Helu, de Vicente Matheus abriu as portas para o diálogo. Adilson Monteiro Alves, em entrevista à Flacar nº 672 - abril de 1983, esclareceu esta mudança: "No início, havia apenas a constatação de que do jeito que estava, não se ia chegar a nada. A nossa proposta teve eco dentro do grupo e, partir de então, começou a um projeto com a participação de todos. A seguir, a preocupação foi consolidá-lo, fixá-lo como definitivo e depois, os sócios corinthianos votaram por maioria esmagadora a nosso favor. Os assuntos de interesse do grupo, era discutido por todos; os bichos, concentração, a forma da equipe jogar, se o clube vai ou não fazer amistosos". Vlademir, lateral, complementa: "Participavam todos: jogadores, roupeiro, massagista, médicos, enfim todos que integram a corporação". O que parecia um processo de clube espalha-se por toda a sociedade. A polêmica estava lançada. O tema ultra passou as páginas esportivas. A democracia corinthiana foi objeto de editoriais dos jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, e todos passaram a discutí-la. Para Flávio Gikovate, o "Corinthians foi o pioneiro a fazer movimentos pró-democracia".

"Foi um movimento anárquico, que só se tornou possível diante da tibieza de dirigentes incompetentes. Num time de futebol todos podem expressar suas opiniões, mas, é preciso que exista quem comande, escale, dê a palavra final e seja respeitado", critica Milton Yung, narrador esportivo da Rádio e TV Guaíba. E os resultados negativos eram atribuídos a democracia corinthiana. Opinião semelhante tem o narrador e chefe de esporte da Rádio Gaúcha, Armino Ranzolin.

"Foi uma anarquia, disse ele, na tentativa de combater o autoritarismo, eles fizeram uma grande confusão. Não existe como fazer um trabalho de descentralização do poder dentro de um clube de futebol. Não se pode dividir as atribuições e responsabilidades. Isso é indivisível". O presidente da Federação Catarinense de Futebol, Pedro Lopes, acha que houve uma confusão entre "liberdade e libertinagem". Afirmou Pedro: "A democracia era uma palavra da moda. Democracia só existe com disciplina e, aquele movimento foi muito indisciplinado".

Personalidade forte. Talento. Sangue frio. Nada faltava para Sócrates ser um dos líderes do movimento. Para ele as críticas eram esperadas, pois "quem está na super-estrutura do futebol neste país é igual a quem está na super-estrutura do país. O administrador do futebol, o médico, o técnico e o jornalista do futebol, esses não tem o menor interesse em mudar o futebol. A vida dessa gente é fácil. Todos trabalham muito pouco, no sentido de que trabalham se divertindo com uma paixão nacional. Todos ganham prestígio, mordomias, até grandes salários em certos casos. Por que motivo vão pretender que essa situação se transforme? Essa gente tem medo da mudança". O editor de esporte da Rede Bandeirantes, José Carlos Conte concorda com Sócrates e afirma que "a imprensa não suportou a experiência daquele movimento, a imprensa queria codificar o movimento como decodifica um lance de impedimento. Mais que o futebol, conservadora é a Instituição Imprensa.

Contando com o apoio da revista Placar, e em alguns momentos da Folha de São Paulo e a TV Bandeirantes, a democracia corinthiana ganha seu primeiro título: Campeão Paulista de 1982. E o movimento sobreviveu as críticas.

O futebol está inserido numa sociedade complexa. Muitos consideraram um movimento, que ultrapassou os limites do futebol. Carmem Rial, professora do curso de jornalismo da UFSC, é uma delas: "Além de ser um dos movimentos mais importantes do futebol recentemente, ele também é um movimento social importante. Deve se praticar a democracia, a liberdade aonde se está inserido. Na escola, se você é estudante. Em termos de futebol, se você é jogador. Assim, a democracia vai se consolidar". Ou seria a volta do futebol de "espírito" amador, como disse João Saldanha (Bate-papo - Esporte e Poder). É uma volta ao esporte normal. Os jogadores do Corinthians exigiam isso: "a liberdade de serem iguais aos outros, a liberdade de opinarem. Um protesto contra a estupidez".

O movimento despertou, também, polêmica entre os jogadores. Biro-Biro, do próprio Corinthians, era contra e explica: "Antes de ser implantado esse regime, era bem diferente. Todo mundo se concentrava, o trabalho era mais duro. Depois, na democracia, alguns jogadores chegavam para treinar às 10 horas, outro às 11 horas, isso não está certo. Ela tem de valer para todos, não só para laguns". (Pla-

car nº 733 - junho 84). Zenon, também do Corinthians, rebate: "Ficou mais agradável trabalhar. O clima ficou mais leve, bem diferente do regime antigo. Tenho certeza de que a nossa democracia, o nosso sistema de trabalho é o ideal. Não queremos ser tratados como escravos, como mercadorias". (Placar nº 733 - junho de 84).

O ponteiro direito Santos, do Vasco da Gama, diz que "A democracia foi boa, porque criou uma responsabilidade em nós".

Mas, o que Sócrates e Adilson temia aconteceu: A democracia não era irreversível. Em abril de 1985, nova eleição para presidente no Corinthians; de um lado, a chapa "Democracia Corinthiana", encabeçada por Adilson e do outro, a chapa da Oposição, encabeçada por Roberto Pasqua, apoiado pelos conservadores Wadi Helu e Vicente Matheus.

"Desta vez a bagunça acaba" diziam alguns jornalistas e simpatizantes da chapa de oposição. O conselheiro Nildo Mesini, dizia a outro conselheiro, o delegado Romeu Tuma, superintendente da Polícia Federal:

"Essas lideranças tem imitadores que podem causar problemas psicossociais, porque os homens em grupo perdem sua individualidade. Se um líder desses sai à rua com uma arma na mão, o povo vai atrás. Um já foi para a Itália (Sócrates). O outro (Adilson) nós temos de derrubar". (Revista Placar - junho de 85).

A democratização do futebol e do esporte de modo geral não pode ser a simples liberalização do relacionamento entre atletas profissionais e dirigentes. Essa liberalização foi importante. Mas, é banal na maioria dos países que levam a sério o futebol. Ou como observa o professor Ivan Cavalcanti Proença: A democracia do futebol, virá no bojo da outra, ampla, abrangente, a brasileira".

BOX: UM

OS REBELDES

O mundo gira e a bola, rola. Na sociedade moderna, os ídolos, de maneira geral, foram rebeldes. James Dean, os Hippies e os Grupos de Rock. No futebol, a rebeldia acompanhou os passes, os toques de gênio, a elegância de vários craques. Fausto e Heleno tiveram passagem trágica na vida e no futebol, protestavam quando a sua amada bola era maltratada. Almir explodia em violência às perseguições que sofria. O talentoso Afonsinho teve a carreira cortada por exigir melhores condições de trabalho. O iluminado Paulo César Lima, o Cajú, quase parou de jogar ao ser vaiado por 80 mil pessoas no Morumbí. Reinaldo desafiou a ditadura e por pouco não ficou exilado em Minas Gerais. A democracia corinthiana desafiou a sociedade conservadora e seu líder foi o genial Sócrates.

Fausto dos Santos começou sua carreira no Bangú, sendo em seguida contratado pelo Vasco. Na copa de 30 no Uruguai, tornou-se famoso por seu jogo seguro, clássico e elegante, sendo "batizado" de "a Maravilha Negra". Mas, é no Flamengo que explode sua rebeldia. O técnico húngaro Dori Kruschner implanta o WM, e decide experimentar Fausto de beque. Ele reage. No primeiro treino abandona a posição várias vezes, e, é afastado do time. Entra na Justiça Desportiva em busca do passe livre. É derrotado. "Fausto sempre jogou futebol com raiva. Ia na bola com um prato de comida, jogava sério e encarava o futebol como meio de escapar da pobreza, ganhar dinheiro para poder desfrutar a vida em gafieiras e rendez-vous, muita cachaça e violão. Os críticos chamavam-no de tudo - mercenário, acomplexado, exibido ..... só não o chamavam de ingênuo. Fausto nunca confiou em cartolas. Nem teve ilusões sobre a discriminação racial, que no seu tempo já era ostensiva. Não alisava o cabelo. Não freqüentava a alta sociedade". (Joel Rufino dos Santos - A História Política do Futebol Brasileiro).

Tuberculoso, morreu num sanatório em Palmira, MG, no dia 28 de março de 1939.

Heleno de Freitas é considerado a personalidade mais dramática do futebol brasileiro. Viveu eternamente em conflito. Dentro do campo era um artista mas, era também, a fúria em pessoa. Discutia com os com

panheiros e os adversários, só tinha carinho com a bola. Temperamental, o erro do homem destruía o gênio. Heleno perdia a cabeça, a razão e o jogo. Ninguém era tão elegante para driblar como ele. Em campo, parecia um bailarino com suas expressões corporais e gestos perfeitos. O futebol era sua atividade lúdica. Viveu em conflito com o profissionalismo, rebelava-se contra a ginástica, os treinos e a concentração. Em 47, o filme da moda era "Gilda", com Rita Hayworth, uma mulher vamp, temperamental e caprichosa. Quando Heleno começava a reclamar, lá vinha o coro: "Gilda, Gilda". Enfurecia. Se o Botafogo tivesse ganhando, ele marcaria um gol de raiva e corria para a torcida, mostrando a camisa. Perdendo, fatalmente, seria expulso, e para a torcida correria tentando agredí-la. Heleno jogou no Botafogo, Vasco, Boca Juniors e no Milionários, da Colômbia.

De volta ao Brasil, foi jogar no América. . E no dia 4 de setembro de 1951, contra o São Cristovão, jogou a primeira e última no Maracanã - estádio que tem uma frustração - nunca viu um gol dele. A loucura já tomava conta, só era lúcido com a bola no pé.

Heleno morreu em 8 de novembro de 1959, num sanatório de Barbacena, MG, como escreveu Armando Nogueira: "Sua vida foi um match sem intervalo entre a glória e a desgraça.

O futebol brasileiro era sinônimo de classe, arte. O jogador brasileiro é um artista, um estilista. que impõe a sua vantagem através da beleza de seu jogo. Uruguaios e brasileiros diziam que para ganhar de um time brasileiro, bastava dar um berro. Essa idéia não era verdade, mas repercutia junto à torcida. Em 1959, na final do campeonato Sul-Americano em Buenos Aires, contra o Uruguai, Almir de Albuquerque, um baixinho parrudo, modificou esta história. Almir catimbou, deu botinadas e pôs a correr os valentes uruguaios. E a coardia virou coisa do passado. Almir jogou no Vasco, Boca Juniors, Santos, Fiorentina, Corinthians e Flamengo.

Catimbeiro e talentoso, Almir ia ao extremo. Com talento e picardia, levou o Santos ao bi-campeonato mundial interclubes. Mas, sua catimba também o levava à violência. Em 66, na final do campeonato carioca, entre Bangú e Flamengo, provocou uma das maiores brigas que o futebol brasileiro já viu. Em 72, denunciou corajosamente à Placar o suborno, o doping e outras irregularidades do nosso futebol.

Morreu assassinado com um tiro na cabeça, numa briga de bar, em

fevereiro de 1973, no Rio de Janeiro. Morreu como viveu: de peito aberto, sem medir as consequências. Porque estava certo de ter razão.

Paulo Cesar Lima, o Cajú, tinha o dom de jogar bola. Tinha, também, o dom da polêmica. Depois de Heleno, ninguém foi tão controverso. Paulo Cesar era um dos gênios da era Pelé, e ninguém foi tão criticado e perseguido quanto ele. Em 70, nos preparativos para a copa, foi vaiado por quase 80 mil pessoas no Morumbi e, menino ainda, quase largou o futebol. Paulo Cesar tinha o dom de irritar os dirigentes com a mesma facilidade que envolvia os adversários. Boêmio, amante da boa vida, Paulo Cesar discutia e reivindicava. Suas críticas, geralmente, eram confundidas com "máscara". A pecha de mascarado acompanhou-o por toda a carreira. Em 74, na copa da Alemanha, foi considerado o único "culpado" do fracasso brasileiro. E a partir daí, praticamente, cassado seu direito de jogar na seleção. "Não se pode confiar nesse negro bodoso", diziam. Em 79, aceita o desafio de jogar no futebol gaúcho. É contratado pelo Grêmio. E nunca mais, os gauchos esqueceram o futebol limpo e cristalino de Paulo Cesar. Em 83, volta para conquistar o mundo para o Grêmio ( em Tóquio, na decisão do mundial inter clubes - Grêmio 2x1 Hamburgo).

Foi campeão em quase todos os clubes que jogou - Botafogo, Flamengo, Fluminense, Grêmio e Marselha da França. As vaias, as punições nunca ofuscavam seu talento.

A marca registrada de Afonsinho foi sua barba. Craque do futebol alegria, cantado em verso por Gilberto Gil. Foi também, o jogador do passe livre. Uma luta árdua, não queria ser mercadoria. Símbolo da conscientização do atleta, Afonsinho virou de "cabeça para baixo" o futebol em 1973. O que parecia impossível, aconteceu: na Justiça Desportiva, ele ganha o passe livre e fica dono de seu enorme futebol. Jogaria onde queria. Le do engano: num mundo onde os dirigentes e treinadores são as figuras máximas, onde só eles tem razão, Afonsinho foi marginalizado. Não ficava muito tempo num mesmo clube, e como um cigano, exibiu sua arte em vários palcos: jogou no Botafogo, Flamengo, Santos e Olaria. E precocemente, abandona o futebol como se abandonava uma amante, ao perceber uma relação castradora, sem no entanto, abandonar a paixão.

Dizem que José Reinaldo de Lima lembra Tostão. Mineiro como

Tostão. Talentoso como Tostão. Político como Tostão. Mas, não teve a glória de Tostão. Aos 16 anos já incomodava os beques mineiros com um futebol cheio de malícia e de toques sutis. Deslumbrou o Brasil em 77, ao marcar 28 gols no campeonato brasileiro, Gols de arte e de raça. Além dos gols, Reinaldo se destaca por suas idéias, por ser um jogador politizado (leitor de Proudhon e Paul Lafarque) e lutar por um sindicato de jogadores. No gesto de comemorar seus gols - punho direito fechado e erguido - lembra o símbolo utilizado pelos grevistas de Sacco e Vanzetti e pelos atletas negros americanos do "Black Power".

Acusado de ser homossexual. Difamado de ter os joelhos bichados. Reinaldo quase ficou exilado em Minas ao defender em entrevista ao jornal Movimento, a anistia, a constituinte, a reforma agrária e o direito do povo em escolher os seus governantes. Pressionado a retirar tudo o que disse, e deixar desta loucura de comemorar os gols como um "Che Guevara" de chuteiras, até hoje resiste lutando contra as pressões dos conservadores e reacionários do futebol, que querem os jogadores como simples marionetes dos seus interesses.

... Sócrates recebe a bola de costas para a goleira. Cercado por 2 adversários, ele dá um giro de 180 graus, e de calcanhar coloca Pahlinha na cara do goleiro. Gol do Corinthians!

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira não é um simples jogador. Não tem o físico de atleta que o futebol moderno exige. Mas, no campo, mantém com a bola uma relação íntima e fraterna.

É ótimo armador e muito bom goleador. Se as qualidades de jogador fazem de Sócrates um dos últimos gênios da bola a se destacar da indigência reinante dos esburacados gramados brasileiros, já suas idéias de cidadão incomoda o autoritarismo dos cartolas e de alguns setores da imprensa. Sócrates é uma figura popular, é intermediário de aspirações e angústias de milhares de pessoas, que o veem como um guerreiro de sua luta. Líder da Democracia Corinthiana, um movimento que assustou as forças reacionárias do país. A imagem da democracia ligada a um clube popular funcionava melhor do que ligada a um partido político. O jogo aberto e franco de Sócrates lhe vem custando uma série interminável de críticas. É que, no Brasil, cantor deve cantar. Médico, medicar. Jogador, jogar. Lutou pelas "Diretas já". As diretas não vieram, ficamos todos frustrados, e o magrão foi embora, contratado pela Fiorentina para disputar o mais belo campeonato do mundo.

No duro futebol italiano, a arte e a magia de Sócrates esbarrou na retranca e na antipatia dos companheiros. O sonho de conquistar a Itália, acabou. Quase desistiu da bola. Mas o Flamengo o contratou para formar uma dupla inesquecível com Zico. A "arte imita a vida", e "futebol é momento", Sócrates é um momento de intensa profundidade, dialético e sincero.

Enquanto houver futebol, sempre haverá gênios incompreendidos, craques discriminados e dirigentes incompetentes. Mas, um dia, a rebeldia vencerá.

## SERIA MANÉ UM BAILARINO?

É difícil definir arte em poucas palavras. Arte pode ser um sonho; pode ser uma diversão; um conjunto de regras e técnicas para obtenção de um efeito estético procurado. Mas, arte num sentido amplo, mais objetivo, é uma forma de apreensão, de produção e de comunicação da realidade. Não é nem singular e nem universal, expressa o conhecimento do real. Possui, a arte também, uma função mágica, isto é, o simbólico representando o concreto, o real. Mais complicado ainda, é definir futebol como uma expressão artística. Uma peça de teatro, um filme, uma fotografia ou um quadro sobre futebol é considerado arte. Mas, um gol de Pelé ou um drible de Garrincha, não. Será que o futebol não é mesmo arte?

Apesar do profissionalismo, o futebol é uma atividade lúdica. Mexe com o prazer e a paixão. O professor de geografia da UFSC, ex-jogador e ex-cronista esportivo, Paulo Lago considera o futebol cultura, mas não arte. "O futebol é uma atividade cultural. As vezes é confundido com entretenimento, mas é um componente do meio de vida de determinadas comunidades, nação e país. Não é a cultura de um povo, mas um traço de identidade da sociedade humana. Porém, não o considero arte. A expressão arte no futebol é um exagero de uma prática eminentemente técnica. A arte supõe algumas premissas básicas fundamentais, entre elas, um compromisso rítmico no que diz respeito ao próprio movimento. A Arte não tem limite de criatividade, e o futebol é limitado por regras que o impede de ser concebido como uma expressão artística".

Opinião semelhante tem o professor Adelmo Genro, do curso de jornalismo da UFSC: "Futebol num sentido amplo é cultura, é um traço incorporado aos costumes, às atividades sociais e a tradição. Não é arte, embora no seu interior contenha passos de balé e de ginástica. É um jogo, embora tenha momentos que podem ser considerados artísticos, como um gol de Pelé, por exemplo", afirma.

O futebol no Brasil, o mínimo que se pode dizer, é que é um fenômeno que chama a atenção. Está no cotidiano de milhares de pessoas. É o sonho de muitos garotos e, dele se ocupa uma boa parcela da imprensa. "Futebol, segundo Carmem Rial, professora do curso de jorna

lismo da UFSC, é um ritual brasileiro, que fala mais de perto da alma brasileira. É nossa principal arte; é arte popular, máxima". No entanto, Carmem faz uma ressalva: "A arte no sentido sociológico é uma criação única. No jargão futebolístico, futebol-arte é a habilidade criativa. Mas, tem sentido depreciativo - é "Rococó do Futebol".

O ensaísta Ivan Cavalcanti Proença dá uma declaração apaixonada sobre futebol, cultura e arte. "O futebol-arte brasileiro é arte. Pois é tipicamente criativo, improvisador, inadaptado a modelos estrangeiros, fundado e instaurado o novo. Em resumo: é inventivo. É cultura brasileira, aqui recebeu roupagens típicas, identificação original, alegre e imprevisível, o drible, o negaceio, a ginga eficiente", e acrescenta: "O belo útil".

"Fanatismo", diz o escritor e crítico literário, Janer Cristaldo. "Um espetáculo, show business", afirma o analista político da Folha de São Paulo, Cláudio Abramo. "É obra de um artista que trabalha com o pé, feito um operário", observa o escritor e reporter da Folha de São Paulo, Renato Pompeu. Mas, quem melhor define o futebol é o "brasilianista" Robert Levine: "Esteticamente, o futebol é uma beleza. A maneira como um jogador flui, como se estivesse num balé".

Ballet é uma arte ligada ao movimento, com características definidas - apoio sobre as pontas dos pés, rapidez, leveza e imaterialidade. Não seria Garrincha um bailarino?

## O FIM DO CLUBE DO BOLINHA

O "field" está repleto de moças de vestidos longos, belos enteados, luvas e sombrinhas coloridas, de olhares atentos e curiosos. Afinal, os rapazes de boa família eram os jogadores. Uma partida de futebol era um acontecimento importante para a alta sociedade. Mas, o toque sutil, o passe de trivela, o drible, a ginga se identificou com o moleque, o malandro, o marginalizado do subúrbio. Os ingleses foram embora e os brasileiros voltaram para o cricket e as regatas. E a mulher se afastou dos estádios. O futebol se tornou um esporte nitidamente masculino. Para Paulo Lago, professor de geografia da UFSC, ex-jogador e ex-cronista esportivo, "As mulheres se afastaram porque o futebol deixou de ser um esporte refinado, tornando-se grosseiro e o ambiente perigoso". Estava formado o "Clube do Bolinha".

O futebol feminino susgiu na Inglaterra em 1920, num jogo entre inglesas e francesas. No Brasil, "Futebol é pra Macho", e só em 1981 no Rio de Janeiro, surge o primeiro time: o Radar.

"A mulher precisou provar que tem capacidade em outros setores da sociedade para que deixassem ela jogar bola", diz Carmem Rialm, professora de jornalismo da UFSC. Em Abril de 1983, o Conselho Nacional de Desportos (CND) autorizou a prática do futebol feminino.

Hoje cerca de 45 mil mulheres, em 3000 clubes amadores, gastam suor e talento atrás do ganha-pão, da notoriedade e do prazer de tocar a bola rumo ao gol adversário. Em 1982, o Radar embarca para a Europa e mostra a habilidade da brasileira com a bola no pé.

E pelo Brasil afora, existem zagueiras tão violentas, como os violentos beques masculinos. Há também jogadoras habilidosas, como Michael Jackson, que nas tardes de domingo, via Rede Bandeirantes, encantava o Brasil com o seu toque de bola refinado. Todas, como os craques masculinos, sonham com a seleção e a copa mundial de futebol feminino que será realizada no Japão, em 1987.

A partida dura 70 minutos, em 2 tempos de 35'. A bola é mais leve. Mas, não é só dentro do campo, que as mulheres estão abrindo novas frentes de trabalho no futebol. Surgem as primeiras mulheres na imprensa esportiva. Carmem Rial, "Pioneira" reporter no Rio Grande do Sul, conta a sua experiência: "Quando eu ia para os estádios era

uma recepção dos outros jornalistas. Eles vinham conversar comigo. É claro, voce fica contente, por ser o centro da atenção. Por outro lado, deixava chateada porque ficava marcada uma diferença!

A característica do brasileiro é o machismo. E o futebol é um mundo masculino. "Um dia, narra Carmem, no jogo da seleção brasileira contra a Tchecoslováquia, fui ao vestiário. Foi uma surpresa para os jogadores. Uma mulher naquele espaço que parece só deles. Os europeus tem uma desenvoltura maior e uma timidez menor com a sua nudez. Já os brasileiros, foi um corre-corre, apavorados, com medo da sua nudez".

A editora da revista Cláudia, Maria Cristina Gama Duarte conclama todas as mulheres: "Meninas em campo, que é proibido proibir!"

## NÃO VALE BOTINADA, PÔ!

O futebol é um microcosmo da sociedade. Lá está a arte, o prazer, a dor, a corrupção, o talento, as perseguições, a mediocridade e a violência. A violência no futebol é a irmã gêmea do talento. Ela deve ter surgido quando o primeiro craque tentou um drible ou um "balãozinho", ao outro jogador, restou o pontapé.

No início, os "ancestrais" do futebol atual eram exercícios e ginásticas que preparavam a força dos guerreiros para a guerra. Pelo que se vê hoje, parece que nada mudou. No entanto, tem de se distinguir as "violências". Uma é praticada dentro do campo, pelos jogadores, técnicos, dirigentes, árbitros - os atores do espetáculo. Outras pela torcida. Dentro de campo, a violência se resume à troca de pontapés ou à um "conflito generalizado". Mas, nada se compara a violência dos torcedores.

É corriqueira a violência dos atletas. A cada rodada, em qualquer campeonato, algum jogador é expulso de campo por ter dado um pontapé ou um sôco em outro. Em 1966, na partida Bangú x Flamengo, Almir de Albuquerque provocou uma das maiores brigas que já se viu nos campos de futebol. Em 1969, o uruguaio Urruzmendi, do Internacional de Porto Alegre, deflagrou num gre-nal, um conflito que envolveu 21 jogadores e todos foram expulsos. Brasileiros e argentinos brigaram em campo inúmeras vezes. O centro avante Toninho, do Avaí, tenta explicar esta violência: "os treinadores são os culpados, como os árbitros também. Estamos deixando de lado a técnica para jogarmos mais fisicamente. Se o jogador passar por você, fizer o gol e se o time perde, ele está sujeito a sair do time. Então você tem que parar a jogada de qualquer jeito. Soco, pontapé e cotovelada".

Mas, é nas arquibancadas que a violência se torna uma guerra. As torcidas adquirem um caráter antropofágico. Os gritos e os xingamentos são motivos do desejo de combater. O futebol registra muitas tragédias: em 1945, em Bolton, Inglaterra, 33 mortos e 500 feridos, no jogo entre o Bolton Wanderers e Stoke City, no Estádio Burden Park; em 1964, a anulação de um gol do Perú contra a Argentina gerou um conflito no Estádio Nacional de Lima, ocasionando a morte de

300 pessoas e ferimentos em 500. O fato provocou a decretação do estado de sítio no Perú durante 30 dias; em 1967, na Turquia, também a anulação de um gol provocou a morte de 41 torcedores e ferimentos em 600; em 1968, uma briga entre torcedores do River Plate e Boca Juniors, em Buenos Aires, tem saldo de 73 mortos e 113 feridos. Em 1969, depois do jogo El Salvador 4 x Honduras 3, na cidade do México, pelas eliminatórias da copa do mundo, os dois países iniciam uma guerra, que durou uma semana, só terminando com a intervenção da OEA; em 1982, em Cali, Colômbia, torcedores bêbados provocam tumultos, que resultam em 22 mortos e 100 feridos; no mesmo ano, em Haaler, Holanda, 50 pessoas morrem nos incidentes durante a partida Haaler x Spartak, pela copa da U.E.F.A.

Em 29 de maio de 1985, antes do jogo Juventus, da Itália, e Liverpool, da Inglaterra, em Bruxelas, Bélgica, uma briga entre torcedores resulta em nova tragédia: 50 mortos e 150 feridos. (Folha de São Paulo - 30 de maio de 1985).

O que leva o torcedor à violência? "Fanatismo doentio", diz o narrador da Rádio Guaíba, Milton Yung. Já o escritor e crítico literário Janer Cristaldo observa que: "na vitória do seu time, o homenzinho medíocre de todos os dias exacerba sua vontade tirânica de poder, daí a Hitler é um passo".

Não é só o fanatismo, ou a tirania que existe nas pessoas, que gera a violência. Há outros fatores mais fortes, como o desemprego, citado por Renato Pompeu, escritor e jornalista, disse Pompeu: "Os episódios, como o ocorrido no estádio Belga, são oriundos de fatores extra-futebol, como a situação sem saída da classe operária inglesa em meio ao desemprego e ao isolamento político. O futebol entra aí, como um meio de expressão desesperadora. Ou o deslocamento do conflito real para o simulado, como cita o professor do curso de jornalismo da UFSC, Adelmo Genro". Há um deslocamento das tensões, das contradições, das contratações que existe no mundo. O futebol passa a ser um catalisador. Ele pode catalisar um lazer solidário, um conflito educativo, como pode catalisar uma guerra! afirmou ele.

O psique é o fator comentado pela professora do curso de jornalismo da UFSC, Carmem Rial: "Tenho uma explicação meio Freudiana. Cada pessoa, esquematicamente falando, tem um ego, um super-ego e o id. O futebol enquanto paixão, trabalha mais com o id. E o id é

o lado mais animalesco da gente, menos controlável. O pensar funcio na menos quando a gente se torna mais animalesco e a violência pode se expressar, como no caso da Bélgica", disse Carmem.

"Falanges", "Brigadas", Comandos Guerrilheiros", "Piratas", são como se denominam algumas torcidas organizadas. O ensaísta Ivan Cavalcanti Proença, culpa essas torcidas pela violência. Diz o professor Ivan: "As tais torcidas organizadas - embora tenha alguns abnegados e apenas torcedores - estão infestadas de marginais de toda a espécie, "patrocinados" por dirigentes demagogos e certa imprensa alienada".

No dia 18 de agosto de 1985, momentos antes do clássico Palmeiras x Corinthians, policiais paulistas prenderam 5 torcedores do Palmeiras, identificados com a torcida "Brigada Verde". Motivo: com eles foi apreendida uma bomba de fabricação caseira, que se explodisse, provocaria uma enorme tragédia. Pois, o poder de destruição abrangeria todo o Estádio do Morumbi.

A violência que enfeia o espetáculo, afugenta os torcedores e abrevia carreiras promissoras, deve ser banida do futebol. A reação do craque, que levou o primeiro pontapé no futebol, deve ter sido: Não vale botinada, pô!

## ESQUADRÃO, MARCHE!

A copa do mundo em 70, no México, foi o canto de cisne do futebol brasileiro. O fim de uma era de gênios e o início de uma era de "bons soldados". Um dos fatores da decadência foi a crescente militarização do nosso futebol. Como dizia Joel Rufino dos Santos: "Na CBD (antiga CBF) até papagaio bate continência".

O fracasso de 66 não combinava com a "nova imagem do Brasil grande, do país do futuro", e o futebol virou caso de segurança nacional. Os capitães, os tenentes da Escola Superior de Educação Física foram "convocados" e o futebol nunca mais foi o mesmo. Cláudio Coutinho, Carlesso, Cavalheiro, Kamerino e outros receberam a missão de modernizar o futebol brasileiro.

Na copa de 70, a participação se restringiu na parte física. O capitão Cláudio Coutinho, então auxiliar de Admildo Chirol, modificou toda a estrutura de preparação física. Introduziu o método Cooper, o interval e o circiut-training, e o Brasil esbanjou preparo e trouxe o inédito tri-campeonato. Era a época Médici, combatia-se a guerrilha urbana e nos porões da ditadura a repressão torturava. Mas no México, o que se via era uma seleção anti-militar, como explica a professora Carmem Rial. "Foi uma das  $\beta$  seleções menos rígidas que já se formou no Brasil. A concentração era questionada, os jogadores assistiam filmes pornográficos, fumavam maconha. Tudo o que um militar não admite, foi feito na seleção de 70. E ganhou o campeonato".

Criado em pleno governo Médici e aperfeiçoado pelos militares que viveram à sombra da seleção da década de 70, o regulamento do atleta da seleção brasileira de futebol profissional transformou o jogador em um soldado obediente. São sete artigos e 26 parágrafos. O advérbio "não" aparece 14 vezes e surgem verbos como "acatar", proibir, cumprir, respeitar, punir, obrigar". No artigo 2º, parágrafo XX dizia: "apresentar-se sempre adequadamente uniformizado, com cabelos cortados e penteados"; no parágrafo XXVI do mesmo artigo prevê censura: "não fazer, de público, comentários, reivindicações ou reparos"; já no parágrafo XXV dá um tom definitivamente autoritário: "acatar, cumprir e respeitar os avisos, instruções e ordens de serviços que forem baixados pelo chefe da comissão técnica em complemento às disposições desse regulamento".

to Macedo, nos preparativos para as eliminatórias em 85.

Durante a preparação para a copa do mundo em 74, na Alemanha, a seleção brasileira treinava em um campo cercado por soldados e cães pastores-alemães - aqui no Brasil nada justificava esta atitude; mas na Alemanha, havia o medo de novo atentado, como o ocorrido em Munique, durante as olimpíadas em 72. Na medíocre excursão à Europa em 73, sob a inspiração do capitão Cláudio Coutinho, os jogadores se negaram a dar declarações à imprensa, surge o famoso "Manifesto de Glasgow". Os militares ocupam cada vez mais espaços no futebol. O almirante Heleno Nunes é "eleito" presidente da CBD e o campeonato brasileiro chegou a ter 92 clubes.

"Em fevereiro de 1977, após um 0x0 com a Colômbia, o almirante Heleno Nunes, com a cobertura de "O Globo", deu o golpe em Oswaldo Brandão - um técnico simplório, à Ademar de Barros, e entronizou o capitão Cláudio Coutinho - um tecnocrata à Mário Henrique Simonsen. Alguém notou que o golpeado falava a linguagem dos jogadores, que é a do povo, enquanto o capitão falava outra língua" (Joel Rufino dos Santos - A História Política do Futebol Brasileiro). O militarismo chega ao auge. A verbosidade de Cláudio Coutinho é ouvida em todos os cantos deste país.

"Coutinho ao assumir a seleção deu uma entrevista pra revista Playbby dizendo que: 'Dirigir uma equipe de futebol é a mesma coisa que dirigir uma equipe de exército'. Que as pessoas tem que obedecer ordens táticas", conta Cláudio Diestmann, jornalista esportivo do jornal Zero Hora. E o vexame de 78, foi o climax. O futebol brasileiro estava decadente. O palavrório de Coutinho encantou uma boa parcela da imprensa e da torcida e o overlapping e o future point substituíram o dribble e a ginga. O Brasil foi campeão moral. O técnico argentino Cesar Luis Menotti, campeão de fato, protestou: "Estão transformando o jogador brasileiro em um simples cumpridor de ordens".

Falcão, Paulo Cesar Lima, Marinho Chagas, Éder assistiram a copa pela tevê. João Saldanha disse que "o critério de convocação foi o falso moralismo, a calhordice, o policialismo e o autoritarismo". E acrescentou: "Se o Coutinho fosse o técnico da seleção em 58, não teria convocado Didi, nem Garrincha". E na Vila Marista - concentração da seleção na Argentina - os jornalistas encontraram um forte esquema repressivo. Policiais armados de fuzís, metralhadoras e cães

"guardavam" os jogadores. Em campo, as teorias de Coutinho embaralhavam, o ponto futuro nunca foi encontrado e o overlapping não passou de ilustração dos manuais europeus de futebol.

"O futebol tem um componente militar, assim como toda atividade militar tem um componente lúdico. Os comportamentos se aproximam", afirma o analista político Cláudio Abramo. No entanto, o ensaísta Ivan Cavalcanti Proença não acredita no militarismo incorporado no futebol. "Ao contrário, diz ele, tentaram é incorporar o futebol ao militarismo, mas não conseguiram".

Coutinho tentou transformar mecanicamente os conceitos europeus de futebol para o Brasil, sem observar as contradições e as características dos jogadores brasileiros. Do jogo espontâneo e criativo tentou-se aplicar táticas fixas e robotizantes; o esquema tornou-se fundamental e os craques, secundários.

Assim como a ditadura, o militarismo foi um período nefasto no futebol. A alegria, a improvisação substituídas pela disciplina rígida. No entanto, a culpa não é só de Coutinho, Kamerino, Carlesso, e sim, daqueles que detém o poder do futebol, daqueles que acreditaram mais nos esquemas táticos do que no talento de um craque. Ou como escreveu Joel Rufino dos Santos: "os Delfins e os Coutinhos serão esquecidos. Lembrados serão os frieds, os Faustos, os Leônidas, os Zizinhos, os Gasolinas e os Garrinchas".

BOX: SEIS

O BOLBEIRO, A LATINHA, A CANETA E A TELA

Futebol e imprensa esportiva mantêm hoje uma estreita, harmoniosa e complexa relação. Um não depende do outro para existir, mas, o êxito depende exclusivamente desta convivência.

O rádio foi um veículo importante para a popularização do futebol. Logo perceberam que era interessante economicamente a cobertura dos jogos. "Ao contrário de outros espetáculos em que a imprensa tem um papel a 'posteriori'; no futebol, ela é parte integrante. Ela produz o mito. Ela narra o mito.", disse a professora Carmen Rial.

O futebol acabou tão dependente da imprensa, que tem gente que afirma que os verdadeiros artistas são os locutores, como observa Cláudio Abramo, "o futebol é show-business. O jogador não é mais o personagem central. Hoje a figura exponencial é o locutor de rádio ou de tv."

O jornalismo esportivo criou um estilo próprio de cobertura. Hoje em qualquer estádio, 90% ou mais de torcedores acompanham o jogo com um rádio de pilha. À noite assiste o vídeo-tape da partida. E, no outro dia, o jornal perpetua a imagem. "O torcedor no estádio, explica Carmen Rial, não dispensa o rádio de pilha, porque ele precisa ouvir alguém contar para ele o que ele está vendo."

A imprensa tem um poder real dentro do campo. A professora Carmen Rial conta um caso: "No jogo Internacional x Atlético Mineiro, em Porto Alegre, numa partida pelas semi-finais do Campeonato Brasileiro de 1976, os locutores mudaram o resultado da partida, pela forma como incentivaram a torcida do Internacional. É uma capacidade mobilizatória tremenda. Isto é mostrado todos os domingos."

O futebol vive de ídolos e mitos. A imprensa os cria e, também, os destrói. O jornalista Lauro Freitas Filho (A Cobertura Esportiva no Rádio e no Jornal - Esporte e Poder) explica: "O rádio e o jornal trabalham o ídolo de maneira diferente. O primeiro 'pinta' a imagem, delinea e constrói. O segundo consolida e perpetua. Sob este aspecto, o rádio é mais demolidor que o jornal impresso. Sua

transmissão é ao vivo, não se permite ao rádio, nessas horas, forjar uma atuação brilhante de um determinado craque se, na realidade, ele faz uma partida medíocre, o que, no jornal, poderia ser atenuado graças a uma série de recursos, inclusive os fotográficos, para que não se tivesse uma impressão tão desfavorável." O jornalista José Carlos Conte, da Rede Bandeirantes, não concorda com a idéia de que a imprensa destrói mito, "ao contrário, diz ele, ela reforça tabus, infiltrando discurso sobre discurso numa ação circular onde os resultados são, invariavelmente, os mesmos."

Mas, a relação imprensa e futebol é também contraditória e ambígua. Para o escritor Renato Pompeu, "a imprensa é um fator de manipulação do futebol, com a criação de mitos e a divulgação irresponsável de boatos e fatos não comprovados. Seu papel deveria ser de denúncia das manipulações do futebol, da corrupção ligada à loteria esportiva, e da defesa da difusão e melhoria do futebol, com a democratização das oportunidades para a sua prática, exigência de acesso a campos por amadores, preservação das conquistas técnicas, etc." Para o ensaísta Ivan Cavalcanti Proença, "há jornalistas, locutores esportivos, que elogiam e enfatizam péssimos jogos, escamoteiam a podridão do futebol, fabricam ídolos, em nome de um abominável: É o nosso ganha-pão, precisamos manter o povo ligado."

No Brasil, o futebol é discutido com uma energia singular, é a grande paixão nacional, e, ocupa grande espaço na imprensa. O escritor Janer Cristaldo reclama do espaço, diz ele: "Uma página e olhe lá - seria suficiente num jornal, para todos os eventos esportivos da semana. É preciso, penso destruir a figura do ídolo, esse analfabeto que ganha páginas e mais páginas para dizer nada." O jogador Sócrates concorda: "É muito espaço para o futebol. A população deve discutir, não só o futebol. Mas, todos os seus problemas."

Em geral, a imprensa esportiva é conservadora. Não admite um movimento que possa modificar toda a estrutura do futebol. No caso da Democracia Corinthiana, com exceção da Revista Placar e da Folha de São Paulo, toda a imprensa criticou a proposta. "É uma anarquia", disse o narrador Armindo Ranzolin, da Rádio e TV Gaucha. Vários jo-

gadores - Afonsinho, Paulo Cesar, Reinaldo, Sócrates - foram perseguidos por manifestarem suas opiniões. A maioria dos jornalistas esportivos acham que os jogadores devem apenas jogar. Mas, a pesar do conservadorismo, a imprensa tem um papel importante. "A imprensa esportiva do Brasil durante muito tempo, foi o lugar onde a gente fazia jornalismo de verdade. Na época da repressão não se tinha condições de fazer jornalismo no departamento de notícias. Quando trabalhei na Rádio Gaúcha em 78, durante a Copa do Mundo, nós discutimos o movimento clandestino argentino. Fizemos entrevistas com sociólogos, antropólogos, falando sobre a situação política da Argentina. Foi um momento em que o mundo se concentrou muito na questão militar na América Latina, via futebol", descreve Carmem Rial.

A relação imprensa e jogador não é tranquila. Roberto Dinamite reclama: "as vezes as notícias são um pouco deturpadas". O centroavante Toninho concorda e discute a liberdade de expressão. "A imprensa crítica demais, cobra muito. Nós não temos um espaço para nos defender. É preciso modificar um pouco esta situação, nós precisamos ter o nosso espaço". Para o meia Flávio Roberto, "a imprensa faz a cabeça dos torcedores, que na maioria dos casos é mal informada, e passa agir conforme quer o jornalista esportivo".

Outro ponto de divergência é sobre as declarações dos jogadores. "São sempre vazias", é que geralmente se observa. "Ignorância dos jogadores", diz Ranzolin. "Auto defesa", atesta Flávio Gikovate. "Mostra o baixo nível cultural dos jogadores", afirma Janer Cristaldo. Mas, para Flávio Roberto, Toninho, Roberto Dinamite, Santos, Heitor, Santos - todos jogadores - a causa é uma só: A imprensa faz sempre as mesmas perguntas, porque quer ouvir as mesmas respostas. Ou como diz Dario: "Eu falo o que o povo quer ouvir e falo o que ele quer falar".

## ENTREVISTAS GRAVADAS

- Flávio Gikovate
- Pedro Lopes
- Armino Ranzolin
- Deise Barcelos
- Cláudio Dienstmann
- Fernando Albrecht
- Mário Ignácio Coelho
- Adelmo Genro
- Paulo Lago
- Carmem Rial
- Toninho
- Flávio Roberto

## CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

- Renato Pompeu
- Cláudio Abramo
- Ivan Cavalcanti Proença
- Janer Cristaldo
- Milton Yung
- José Carlos Conte
- Dario José dos Santos
- Roberto Dinamite
- Heitor Camarin Junior
- Marcílio Luis dos Santos

## PONTES PESQUISADAS

- Biblioteca Pública Estadual
- Biblioteca Universitária

## JORNAIS, REVISTAS E PERIÓDICOS

- Zero Hora
- Jornal do Brasil
- Pasquim
- Coojornal
- Folha de São Paulo
- Movimento
- Status
- Ele e Ela
- Playboy
- Placar

## LEITURAS COMPLEMENTARES

- Futebol e Palavra - Ivan Cavalcanti Proença
- Escanteio - Paulo Lago
- Futebol e Ciência - Hugo Riffel
- A Saída do Primeiro Tempo - Renato Pompeu
- Foguinho - Rafael Guimarães
- Valdomiro - Ilimar Franco
- João Saldanha e Nelson Rodrigues - Ivan Cavalcanti Proença
- A Paixão do Futebol - Rui Carlos Ostermann
- Histórias do Sandro Moreira - Sandro Moreira
- Gol - Vital Bataglia

## BIBLIOGRAFIA

- RAMOS, Renato - Futebol: Ideologia do Poder- Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1984.
- KFOURI, Juca - A Emoção Corinthians- São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- DAMATTA, Roberto; BAETA, Luis Felipe; VOGEL, Arno - Universo do Futebol - Editora Pinakotheke, 1982.
- SALDANHA, João; GONÇALVES, José Esmeraldo; COUTINHO, Edilberto; FREITAS, Lauro; CORRÊA, Lúcia Helena - Esporte e Poder, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985.
- SANTOS, Joel Rufino dos - História Política do Futebol Brasileiro, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- LEVER, Janete - A Loucura do Futebol, Rio de Janeiro, Record, 1983.
- ZANINI, Telmo - Mané Garrincha, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti - Bola na Área, Crônicas de Armando Nogueira, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1974.